

# O QUE É O CASAMENTO?

José de Alencar

## Comédia em Quatro Atos

1861

### PERSONAGENS

AUGUSTO MIRANDA, 36 *anos*.

HENRIQUE, 21 *anos*,  
*sobrinho de MIRANDA*.

SALES, 25 *anos*.

SIQUEIRA, 50 *anos*, *sogro de MIRANDA*.

ALVES, 33 *anos*, *negociante*.

JOAQUIM, 45 *anos*, *preto escravo*.

ISABEL, 23 *anos*, *mulher de MIRANDA*.

CLARINHA, 17 *anos*, *prima de ISABEL*.

RITA, 38 *anos*, *parda escrava*.

IAIÁ, 3 *anos*.

A cena é no Rio de Janeiro e

Petrópolis, de 1859 a 1860.

## ATO PRIMEIRO

Em casa de MIRANDA - *Sala* de visitas.

## CENA PRIMEIRA

MIRANDA e ALVES

(ALVES entrega o cartão a JOAQUIM e espera)

MIRANDA - Lendo o teu nome, duvidei que estivéssemos em outubro.

ALVES - Como passas? Por quê?...

MIRANDA - Não é só pelo Natal que temos o prazer de ver de ano em ano o teu cartão de visitas?... Quanto à tua pessoa, essa apenas de passagem em alguma reunião.

ALVES - Tens razão! Mas acredita que sou o mesmo.

MIRANDA - Devias dar-me ocasiões de verificá-lo. Dois velhos amigos como nós sentem de tempos a tempos necessidade de conversar.

ALVES - Que queres?... A fortuna teve inveja de nos ver tão unidos, e separou-nos. Estás brilhando na política.

MIRANDA - E tu enriquecendo no comércio.

ALVES - Estás casado.

MIRANDA - Por que não fazes o mesmo? É tempo.

ALVES - Confesso-te que já me sinto gasto para esta vida de celibatário. Às vezes nem sei o que fazer de minha liberdade. Mas quando me lembro do casamento, só a idéia me assusta.

MIRANDA - Pouco a pouco te irás habituando a ela, e um belo dia, quando menos pensares, estarás casado.

ALVES - Duvido. Fazer a felicidade de duas criaturas de gênios, de ocupações, de idades diversas é um problema social que na minha opinião ainda não foi resolvido, e não me sinto com forças de o tentar.

MIRANDA - São idéias que todos temos quando profanos. O casamento, Alves, é o que foi entre nós há algum tempo a maçonaria, de que se contavam horrores, e que no fundo não passava de uma sociedade inocente, que oferecia boa palestra, boas ceias. Há dois prejuízos muito vulgares: uns supõem que o casamento é a perpetuidade do amor, a troca sem fim de carícias e protestos; e assustam-se com razão diante da perspectiva de uma ternura de todos os dias e de todas as horas.

ALVES (*rindo*) - Na verdade é desanimadora; sobretudo nesta época de vapor e eletricidade.

MIRANDA - Justo!... O outro prejuízo é daqueles que supõem o casamento uma guerra doméstica, uma luta constante de caracteres antipáticos, de hábitos, e de idéias. Esses, como os outros mas por motivo diferente, tremem pela sua

tranqüilidade, Entretanto a realidade está entre os dois extremos. O casamento não é nem a poética transfusão de duas almas em uma só carne, a perpetuidade do amor, o arrulho eterno de dois corações; nem também a guerra doméstica, a luta em família. É a paz, firmada sobre a estima e o respeito mútuo; é o repouso das paixões, e a força que nasce da união.

ALVES - Concorde. Mas que dificuldade para conservar essa paz matrimonial... Não é preciso que o homem sacrifique a sua individualidade e se dedique todo à família?

MIRANDA - Como te iludes! É quando o homem goza da plena tranqüilidade do seu espírito; quando lhe sobra todo o tempo para as ocupações sérias da vida... julgo por mim.

ALVES - E o tempo para amar a sua mulher e fazer a sua felicidade?

MIRANDA - Não me compreendeste então, Alves. O amor conjugal é calmo e sério; vive pela confiança recíproca, e alimenta-se mais de recordações do que de desejos. Um exemplo:

nós já não somos os companheiros inseparáveis de estudos e de prazeres que fomos outrora; apenas nos encontramos de longe em longe, e trocamos rapidamente uma palavra, ou um aperto de mão. Entretanto isto basta: nenhum duvida da amizade do outro. Ambos temos a certeza de que possuímos um amigo dedicado; e essa certeza é um gozo superior a qualquer demonstração frívola e banal. Pois bem: perfuma essa amizade com a graça e a ternura inseparável da mulher, e terás a imagem perfeita de um casamento feliz. Vou te fazer uma confidência... (*Entra ISABEL*) É minha mulher... já a conheces...

ALVES - Conheço-a; mas ainda não tive o prazer de falar-lhe.

## CENA II

*Os mesmos e ISABEL*

MIRANDA - Bela!... Apresento-te um ingrato, sim, porque nos desdenha. É o Alves, meu mais íntimo amigo, a quem devo tudo... sabes?

ISABEL - Ah! foi o senhor que salvou Henrique!

ALVES - Apenas ajudei-o a salvar-se.

MIRANDA - Lançando-te ao mar com risco

de tua vida. Chamas a isto ajudar? ALVES

- Perdão! Augusto estava me convertendo

ao casamento, minha senhora. ISABEL - É

lisonjeiro para mim.

MIRANDA - Queres saber o que mais o  
horrorizava, Bela? Era a idéia de ficar hipotecado  
corpo e alma à sua mulher.

ALVES - Não; não é isso que me assusta, mas o  
receio de não poder ou não saber fazê-la feliz.

MIRANDA - Não te hás de casar com uma mulher que não tenha inclinação por ti e que não te estime. Portanto que receio é este?

ISABEL - Decerto, Sr. Alves. Não nos suponha tão difíceis. Fazer a felicidade de uma mulher é coisa que custa tão pouco, àqueles que o desejam!

ALVES - Enfim, tratarei de seguir o teu conselho, Augusto.

MIRANDA - Já nos deixas?... Nem por serem tão raras as tuas visitas?...

ALVES - Esta é de despedida. Por isso desculpa.



MIRANDA - Como assim?...

ALVES - Vou a S. Paulo e de lá a Minas. (*Entra CLARINHA.*)

MIRANDA - D. Clarinha, prima de minha mulher. O Sr. Alves, meu amigo. (*Cumprimentos.*)

ALVES - Talvez possa te ser útil nesta viagem. Tenho amigos que não duvidarão interessar se pela tua candidatura.

MIRANDA - Quando partes?

ALVES - Nestes dois dias.

MIRANDA - Bem; havemos de nos ver ainda. Eu te procurarei. Pretendes demorar-te até o tempo das eleições? (CLARINHA e ISABEL *conversam.*)

ALVES - Talvez seja obrigado a ficar por lá um ano.

MIRANDA - Que resolução tão repentina foi esta?

ALVES - Eu te digo. Os meus negócios não andam bem; tenho-me visto em sérios embaraços. Se não conseguir até o fim do ano próximo realizar o nosso ativo, não sei o que sucederá. Por isso resolvi deixar a casa sob a direção de meu sócio; e ir eu mesmo fazer essas cobranças.

MIRANDA - Sinto que estejas em dificuldades. Lembra-te que nessas ocasiões é que servem os amigos. O meu casamento trouxe-me alguma fortuna. Far-me-ás obséquio dispondo dela.

ALVES - Obrigado, Augusto, obrigado. Não será necessário; tenho fé nos meus devedores. Até amanhã. Minhas senhoras!

ISABEL - Boa viagem, senhor Alves! Dizem que as paulistas são bonitas; é natural que o convertam.

ALVES - Não creia. minha senhora! Quem resistiu às fluminenses, é um herege que já não tem salvação.

## CENA III

ISABEL e CLARINHA

(ISABEL *sentada*, CLARINHA *em pé*)

CLARINHA - Verás que ele ainda não vem esta noite. ISABEL - Quem?

CLARINHA - Onde estás com a

cabeça, Bela? de quem falávamos

nós? ISABEL - Ah! De Henrique?

CLARINHA - Dele mesmo.

ISABEL - E dizias que ele não virá esta noite?

CLARINHA - É o mais certo. Com o pretexto da chuva... Tu não quiseste mandá-lo chamar para que nos acompanhasse ao teatro... Era o único

meio de fazê-lo passar a noite conosco.

ISABEL - Sabes que eu não gosto de sair sem Augusto!

CLARINHA - Se formos a esperar por ele, não sairemos nunca! Então agora que lhe meteram na cabeça ser deputado! O verdadeiro é ires te habituando. Quem nos acompanhava quando estivemos em Petrópolis, não era Henrique?

ISABEL - Sim... mas hoje não estava com disposição de sair, Clarinha.

CLARINHA - Quem te obrigava a sair?

Ele vinha... Dava-se uma desculpa...

ISABEL - Ele virá independente disso.

CLARINHA - O que perdes?

ISABEL - O quê?... Perco o teu vestido de noiva.

CLARINHA - Deveras, minha senhora?...  
Também quer zombar de mim? (*Beijando-a*) Ah!  
Se a dificuldade estivesse no vestido!

ISABEL - Não há dificuldade alguma.

CLARINHA - Ah! para ti é como se estivesse  
feito.

ISABEL - E há de fazer-se, Clarinha, eu te  
prometo.

CLARINHA - Ora! Se ele não quiser, menos eu.

ISABEL - Ele quer; não te tenho dito tantas  
vezes!

CLARINHA - Tu, muitas; mas Henrique nem uma  
só.

ISABEL - Se foges dele!

CLARINHA - Então eu é que lhe hei de fazer a

corte?

ISABEL - Fazer, não; mas aceitar, Clarinha.

CLARINHA - Ora, Bela, o tal sonso do senhor Henrique bem sabe que uma moça quando se esquivava é para ser perseguida.

ISABEL - Nem sempre. (JOAQUIM *traz luzes.*)

CLARINHA - Eu falo das moças; não falo das senhoras casadas. (*Olhando a pêndula*) Mais de oito horas!

ISABEL - Não é tarde.

CLARINHA - Querem ver que foi ao teatro?

ISABEL - Estás impaciente.

CLARINHA - Não sabes a razão?... É que hoje isso se decide.

ISABEL - Com toda essa pressa!

CLARINHA - Pois hei de estar gastando à toa o meu coração? Que contas darei depois a meu marido? Eu só pretendo querer bem uma vez... Mas essa há de valer por todas.

ISABEL - Se não encontrares a indiferença e o abandono!...

CLARINHA - Asseguro-te que não hei de sofrê-lo por muito tempo.

ISABEL - Será ele?

CLARINHA - Ah! (*Afastando-se.*)

ISABEL - Que é isso? Em que ficou a resolução de há pouco?

CLARINHA (*Gesto de silêncio*) - Queres que ele suspeite que o estava esperando? (*Folheia as músicas no piano.*)

CENA IV

*As mesmas e* HENRIQUE

HENRIQUE - Boa noite, Clarinha!

CLARINHA - Ah! que susto que eu tive!

Não o vi entrar. (*Aperta-lhe a mão.*)

HENRIQUE - Bela!

ISABEL - Adeus, Henrique! (CLARINHA *na janela.*)

HENRIQUE (*Meia voz*) - Incomodo?

ISABEL - Clarinha!

CLARINHA - O que é?

ISABEL - Vem conversar!

CLARINHA - Quem me quer, me procura, minha senhora.



ISABEL (*a* HENRIQUE) - Sabe com quem é aquilo.

HENRIQUE - Clarinha gosta dos

girassóis. (*A* ISABEL, *baixo*) Desejo

falar-lhe. CLARINHA - Tenho esse mau

gosto.

HENRIQUE - Pois eu prefiro as saudades. (*Olha* ISABEL.)

ISABEL (*meia voz*) - Não!

CLARINHA - Já sabia disso.

HENRIQUE (*a meia voz*) - Pela última vez!...

ISABEL (*idem*) - Lembre-se do seu tio!

HENRIQUE (*idem*) - Espere-me nesta sala!

ISABEL (*idem*) - Que loucura é esta?

CLARINHA - Se é de mim, podem falar alto.

HENRIQUE - Estávamos tão longe daqui!

CLARINHA - No mundo da lua talvez.

HENRIQUE - Tem razão,

Clarinha. Eu sou um louco.

(*Ergue-se.*) ISABEL - Henrique!

CLARINHA - Zangou-se por um gracejo!

ISABEL - Está hoje triste; vê se o consolas.

CLARINHA - É cousa para que não tenho jeito, Bela.

ISABEL - E dizes que o amas! (*Afasta-se.*)

CLARINHA (a HENRIQUE) - Ainda está mal comigo?

HENRIQUE - Por quê?

CLARINHA - Pelo que lhe disse.

HENRIQUE - Nem já me lembro o que foi.

CLARINHA - Muito obrigada!... Não

esperava tanto da sua amabilidade.

(*Afasta-se.*) ISABEL (a CLARINHA) -

Vamos jogar!

CLARINHA - Joga com o Sr. Henrique!

HENRIQUE - É verdade! Façamos

alguma coisa para passar o tempo.

CLARINHA - Ele passa tão devagar

nesta casa!

HENRIQUE (*a ISABEL*) - Não quer jogar?

ISABEL - Clarinha está arrufada.

Não tem graça (*Vai ao piano.*)

HENRIQUE - Toque um pouco.

ISABEL - Já esqueci o que sabia.

HENRIQUE - Que desculpa, Bela!

ISABEL - Não ouve? Iaiá está chorando. (*Sai.*)

CENA V

CLARINHA e HENRIQUE

CLARINHA - Chamou-me?

HENRIQUE - Não.

CLARINHA - Parecia-me ter ouvido o meu nome...

HENRIQUE - Foi engano seu.

CLARINHA - Logo vi que não era possível.

HENRIQUE - Que eu a chamasse?

CLARINHA - Sim! Está para ser a primeira vez.

HENRIQUE - Podia ser hoje.

CLARINHA - Como ontem.

HENRIQUE - Se eu tivesse alguma

cousa de agradável a dizer-lhe!

CLARINHA - E não tem, Henrique?

*(Entra ISABEL.)* HENRIQUE - A

minha conversa aborrece de

ordinário. CLARINHA - A mim?

HENRIQUE - A todos. Não ouve laiá que está chorando?

CLARINHA - Está mas é brincando.

HENRIQUE - Ora! está chorando: vá acalenta-la, Clarinha.

CLARINHA - Não precisa procurar pretextos para afastar-me, meu senhor! Faço-lhe a vontade.

CENA VI

*Os mesmos, ISABEL e MIRANDA*

ISABEL - Henrique, eu lhe suplico!

MIRANDA - Até logo... Como estás, Henrique?

HENRIQUE - Boa noite, meu tio!

MIRANDA - Que tens?

HENRIQUE - Nada.

MIRANDA - Desejo falar-te amanhã. (*Vai sair.*)

ISABEL - Augusto! (*Dirige-se a ele*) Queria pedir-lhe uma coisa.

MIRANDA - Dize!

ISABEL - Tens muita necessidade de sair hoje?

MIRANDA - Muita.

ISABEL - Podias passar a noite conosco.

MIRANDA - É impossível, Bela! As eleições estão próximas, e hoje deve decidir-se a minha candidatura.

ISABEL - Todo o teu tempo agora é tomado pela política. MIRANDA - Ainda assim tens a melhor parte dele. Não sabes quem me faz tão ambicioso?

ISABEL - Pois bem; toma chá conosco esta



noite; e eu te prometo nunca mais queixar-me.

MIRANDA - De todo não posso, Bela;

acredita-me. Clarinha e Henrique te farão

companhia. ISABEL - Sim! Mas eu fico só!

MIRANDA - Pouco me demoro.

CENA VII

*Os mesmos e SALES*

SALES - D. Isabel!... Doutor Miranda!

MIRANDA - Como passou, Sr. Sales?

CLARINHA (a MIRANDA) - Vai passear na forma do costume?

MIRANDA - Não dá licença?

CLARINHA - Se eu fosse Bela, decerto que não.

ISABEL - Ele precisa sair.

CLARINHA - Não se acabam mais essas malditas eleições?

MIRANDA - Oh! não pense que me esqueço daquela nossa conversa. Amanhã...

CLARINHA - O que tem?

MIRANDA - Pretendo falar a Henrique.

CLARINHA - A respeito?...

MIRANDA - Como está esquecida! Até logo, (*a meia voz*) minha linda sobrinha! (*Vai sair.*)

CLARINHA - Engraçado!... olhe! Faça-se deputado depressa para que Bela fique descansada; e quando for Ministro, lembre-se que tenho um favor a pedir-lhe.

MIRANDA - Loterias para teatro lírico?

SALES - Realmente é uma necessidade!

CLARINHA - Não, senhor; é um hábito

da Rosa aqui para o senhor Sales.

MIRANDA (*rindo-se*) - Ah! (Sai.)

SALES - Agradeço muito, minha senhora!

CLARINHA - Se há de ter o trabalho de comprar todos os dias uma flor para deitar na gola do casaco...

SALES - Esta flor vale mais para mim do que uma fita.

CLARINHA - E de longe faz o mesmo efeito!

SALES - Nunca reparei nisso, D. Clarinha!

CLARINHA - Acredito! O senhor não se vê senão no espelho! É muito justo. (*Entra SIQUEIRA.*)

SALES - Confesso que não entendo.

CLARINHA - É pena! O senhor Siqueira que lhe explique.

SIQUEIRA - O quê, D. Clarinha?

CLARINHA - O Sr. Sales não compreende

como a gente se pode ver sem ir ao espelho.

SIQUEIRA - Ah! Facilmente, Sr. Sales! Nos

olhos dos outros...

CLARINHA - Aprendeu?... Estimo muito!

## CENA VIII

ISABEL, CLARINHA, HENRIQUE, SALES e  
SIQUEIRA

SIQUEIRA (a ISABEL) - Miranda saiu?

ISABEL - Neste momento.

SIQUEIRA - Já não pára em casa.

ISABEL - Tem muito que fazer agora!

SIQUEIRA - Sei; a maldita política. O pior vício que há em nossa terra.

ISABEL - Os homens como Augusto, meu pai, precisam de uma vida agitada.

SIQUEIRA - É verdade. As honras e as altas posições seduzem, mas fazem esquecer um tanto os amigos e até a família.

ISABEL - Que quer? Ele tem necessidade de

uma ocupação séria. (JOAQUIM *coloca diante de ISABEL uma banca volante e a bandeja de chá.*)

SIQUEIRA - E a educação dos filhos, e a felicidade doméstica?

ISABEL, (*Fazendo o chá*) - Que tem?

SIQUEIRA - Não são ocupações sérias e dignas mesmo de uma grande inteligência?

ISABEL - Ah! Mas não bastam para o homem de talento. Estar sempre junto da mulher, vivendo para a sua família... Isso seria ridículo até.

SIQUEIRA - Não digas isso!

ISABEL (*com ironia*) - Nós as mulheres, sim, é a nossa obrigação!... Enquanto solteiros é justo que façam sacrifícios por nós, mas depois! Não sabemos que nos amam? Não se casaram conosco? Algumas queixam-se porque ficam isoladas e tristes; mas a culpa é delas. Para que inventaram os bailes, senão para nos divertirem

enquanto eles tratam dos seus negócios?  
Clarinha vem tomar chá.

CLARINHA - Obrigada! Não quero (*Vai ao piano.*)

SIQUEIRA - Tens razão, Bela! não no que dizes mas no que sentes. Atualmente uma moça deixa a família, separa-se dos pais, com o homem a quem ama para ter um companheiro de sua vida; e o que ela encontra no casamento é a solidão e a viuvez de todas as afeições.

ISABEL - Estava gracejando, meu pai. Não tenho razão de queixa. Meu marido cerca-me de tantas atenções. (*Pausa.*)

SIQUEIRA - Que é da minha afilhada? Não me esqueci dela. (*Tira balas do bolso.*)

ISABEL - Está lá dentro. Joaquim, dize a Rita que traga laiá. (*JOAQUIM vai à porta. Tomam chá.*)

CLARINHA - Sr. Sales!

SALES - Minha senhora!

CLARINHA - O senhor não canta?

SALES - Não, D. Clarinha.

CLARINHA - Mas eu creio que já o ouvi na *Campesina*.

SALES - Nem sou sócio.

CLARINHA - Então seria alguém que se parece com o senhor.

ISABEL - Canta com Henrique.

HENRIQUE - Estou rouco.

CLARINHA - Não faz mal. É o seu estado natural.

HENRIQUE - Excelente razão. Serve para hoje e para outra vez.

CLARINHA - Oh! Guarde na carteira, que



eu terei o cuidado de não convidá-lo mais.

ISABEL - Estão sempre brincando.

SIQUEIRA - Já me parecem casados.

JOAQUIM - Iaiá está dormindo, sim senhora.

SIQUEIRA - Deixe-a dormir.

CLARINHA (a SALES) - Deveras o Sr. não canta?

SALES - Não tenho voz, D. Clarinha.

CLARINHA - Pois ensaiemos o dueto

conversando. Aí vai o acompanhamento.

(*Pausa.*) SIQUEIRA (a HENRIQUE) - Está

jogando a paciência? É jogo de velho.

HENRIQUE - Ao contrário. Os velhos já não esperam; e por isso não precisam de paciência.

SIQUEIRA - Oh! se precisam! Sobretudo neste tempo de cosméticos e chinós, em que já não se tolera o desleixo daquele que parece velho.

CLARINHA - Então, Sr. Sales, não diz nada?

SALES - Estou ouvindo.

CLARINHA - O Sr. dava um bom

deputado. Por que não se apresenta

agora? SALES - A senhora tem

lembranças!

CLARINHA - Seriamente! Não dizem que todas as opiniões e todas as classes devem ser representadas no parlamento? Pois a moda ainda não tem o seu órgão; pelo menos uma vez que fui á Câmara não vi lá nenhum figurino. Quanto ao Senado, não se fala; são quarentões. Ora, se o senhor se apresentasse, era sem contestação candidato pela Província da Rua do Ouvidor.

SALES - Está brincando, D. Clarinha? Pois olhe; não me faltam elementos. Se o governo quiser!

CLARINHA - Ora se quiser! Assim achasse ele uma dúzia como o Sr.

SIQUEIRA (a HENRIQUE *que baralha as cartas*)  
- E negam que este mundo não anda às avessas! Quando eu tinha sua idade, deixava o baralho às

velhas que se ferravam na bisca, e nós os rapazes armávamos um joguinho de prendas, ainda que não fosse senão para ter o prazer de abraçar uma moça bonita como Clarinha, e pôr o tal senhor Sales de lampião de esquina.

HENRIQUE - Ele representa melhor de

candeeiro de sala. Não vê como está tão

lustroso! SALES - Estava admirando o seu

vestido. É realmente de muito bom gosto.

CLARINHA - Sinto não poder lhe agradecer...

Foi um presente.

SALES - Não importa. A senhora é que lhe dá

realce.

CLARINHA - Desta vez, sim senhor, obrigada.  
Mas agora reparo. Está com umas luvas muito lindas.

SALES - Quer zombar de mim.

CLARINHA - Não sou capaz. Deveras são muito elegantes.

SALES - Talvez a senhora não acredite!  
Atualmente não se encontra um par destas luvas em todo o Rio de Janeiro. Pode correr toda a Rua do Ouvidor.

CLARINHA - São tão raras assim?

SALES - É uma cor muito distinta. Não acha?

ISABEL - Que conversa tão animada!

SALES - D. Clarinha não quer cantar.

CLARINHA - O Senhor Sales estava contando-me a história de suas luvas *gris-perle*.

*(Deixa o piano.)*

ISABEL - Ah! devia ser interessante.

SALES - D. Clarinha tem muito espírito.

CLARINHA - Parece-lhe?... Estou quase duvidando. (HENRIQUE *ergue-se e consulta o relógio.*)

SIQUEIRA - Que horas tem?

HENRIQUE - Quase dez.

SIQUEIRA - Boa noite!

ISABEL - Ainda é cedo, meu pai!

SIQUEIRA - Vou amanhã para Petrópolis...

ISABEL - Tão depressa! Eu tenho muitas queixas suas. Agora quando vem à cidade, apenas passa conosco um ou dois dias. Já não nos quer bem!

SIQUEIRA - Estou velho... Custa-me

a passar muito tempo fora de casa.

CENA IX

HENRIQUE, SALES, ISABEL e CLARINHA

HENRIQUE - Ainda fica, Sr. Sales?

SALES - Não, senhor. Vamos juntos.

ISABEL - É muito cedo. Para serem amáveis, deviam ficar fazendo-nos companhia até que Augusto voltasse.

HENRIQUE - Não posso. São mais de dez horas.

CLARINHA - Tão tarde. Deve estar caindo de sono!

SALES - Na sua presença?... Não é possível, D. Clarinha.

CLARINHA - Isto quer dizer que a minha presença produz o mesmo efeito que o chá verde! Ataca os nervos. Obrigada pela fineza, Sr. Sales.

SALES - Perdão! Eu não tive intenção de dizer semelhante coisa.

HENRIQUE - Bela!

ISABEL - Adeus!

HENRIQUE (*baixo*) - Até logo!

ISABEL (*alto*) - Até amanhã!

HENRIQUE (*baixo*) - Eu voltarei, Bela! Para vê-la uma última vez!

ISABEL - Não! Não volte! Eu lhe suplico.

SALES - D. Isabel!



ISABEL - Passe bem, Sr. Sales.

HENRIQUE - Adeus, Clarinha!

CLARINHA - Adeus! Pode voltar amanhã, que já não terá o desgosto de encontrar-me aqui.

HENRIQUE - Nem amanhã, nem depois, Clarinha. Talvez nunca mais. Quem sabe o que pode suceder? Adeus!

SALES - Minhas senhoras!

CENA X

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Tu me emprestas o teu carro?

ISABEL - Onde queres ir? Está às tuas ordens.

CLARINHA - Vou para o Andaraí.

ISABEL - Que quer dizer isto?

CLARINHA - Há oito dias não vejo minha tia.

Demais tu já deves estar aborrecida de mim.

ISABEL - Henrique te disse alguma coisa?

CLARINHA - Pois não viste?

ISABEL - O que? que te disse ele?

CLARINHA - Não disse nada! É o seu costume.

ISABEL - Mas escuta...

CLARINHA - Faça-me um especial favor,

minha prima. Não falemos mais disto.

ISABEL - Estás agastada e não tens

razão.

CLARINHA - Nenhuma. Eu já sabia.

ISABEL - Não tens razão, não, Clarinha. Se

Henrique te trata com indiferença, a culpa é tua.

CLARINHA - Cada vez a melhor.

ISABEL - Que necessidade tinhas de chamar o Sales para junto de ti, e conversar com ele daquele modo?

CLARINHA - Havia de estar muda?

ISABEL - Anda lá! Querias te vingar de

Henrique. Não sabes quanto isso é perigoso.

CLARINHA (*rindo-se*) - Com o Sales? (*Toma o*

*lenço no piano e acha uma rosa.*) ISABEL -

Com qualquer. Dessas conversas inocentes

nasce muitas vezes uma inclinação.

CLARINHA - Não calunies o pobre moço.

Coitado! Ficou tão atrapalhado que deixou cair a rosa da casaca. (*Atira a rosa ao chão.*)

ISABEL - Talvez Henrique se ressentisse

de ver a intimidade com que o tratavas.

CLARINHA - Não faz mal. Já não me

inquieto com isso.

ISABEL - Falas sério?

CLARINHA (*beijando-a*) - Está tudo

acabado, Bela. Vou dormir tranqüila.

ISABEL - Olha para mim, Clarinha!

CLARINHA - Deixa-me!

ISABEL - Estás chorando!

CLARINHA - Eu, não!... até amanhã. (*Foge.*)

ISABEL - Vem cá! Ouve!

CENA XI

ISABEL e JOAQUIM

(ISABEL *toca o tímpano e entra no seu toucador.*)

ISABEL (*de dentro*) - Joaquim!

JOAQUIM - Minha senhora!

ISABEL - Vai fechar a porta; teu senhor volta mais tarde.

JOAQUIM - Eu posso esperar por ele.

ISABEL - Não! Fecha a porta. Quero deitar-me.

JOAQUIM - Minha senhora está doente?

ISABEL - Estou me sentindo constipada. Se Henrique vier... Talvez ele volte para falar com teu senhor... Se ele vier, tu lhe dirás que já estão todos recolhidos. Ouviste?

JOAQUIM - Sim, senhora. *(Fecha as janelas e apaga as luzes. ISABEL sai de roupão de dormir, trazendo uma luz.)*

ISABEL - Toma o dinheiro para as compras. Vê se nos dão amanhã melhor jantar. Teu senhor hoje passou mal.

JOAQUIM - Eu reparei, sim senhora!

ISABEL - Está bem. Vai!

JOAQUIM - Deus dê boa noite à minha senhora.

ISABEL - Obrigada! *(Pausa.)*

CENA XII

ISABEL e HENRIQUE

(ISABEL *vai recolher*; HENRIQUE *aparece*.)

HENRIQUE - Perdão, Bela!

ISABEL - Fuja desta casa, Henrique!

HENRIQUE - O que receia?

ISABEL - Oh! não é por mim, é por ele, é pelo senhor que eu receio... que eu temo. O amor de uma mulher encontra-se a cada momento; a afeição de um amigo como ele, de um pai, só Deus a pode dar.

HENRIQUE - Onde vai? ouça-me por compaixão.

ISABEL - Vou mandar abrir as portas e trazer luzes.

HENRIQUE - Bela, a mulher de meu tio,

devia saber que é para mim sagrada.



ISABEL - Não parece

HENRIQUE - Não tenho fugido da sua

presença? Há quantos dias não vinha

aqui? ISABEL - Não devia vir a esta hora.

HENRIQUE - É tão grande ofensa vê-la pela última vez!

ISABEL - Não o compreendo.

HENRIQUE - Amanhã...

ISABEL - Acabe!

HENRIQUE - Amanhã parto para Montevideu. Deixo a paz e a felicidade nesta casa, na qual nunca mais devo entrar.

ISABEL - E Clarinha?

HENRIQUE - Que tenho eu com ela? Que me esqueça.

ISABEL - Mas ela o ama!

HENRIQUE - Ela!...

ISABEL (*severa*) - Henrique!

HENRIQUE - Ah! Eu sinto que sou um miserável. Não vê? A vergonha me queima as faces.

ISABEL - Ame Clarinha! Aceite esse primeiro amor de um coração puro. Ela lhe dará a felicidade.

HENRIQUE - Pede-me um impossível. Não lhe

basta deixar de ver-me e para sempre, Bela!

ISABEL - Mas esse projeto é uma loucura.

HENRIQUE - Que importa, se é a sua tranqüilidade.

ISABEL - Comprada com a desgraça do seu tio. A afeição que Augusto lhe tem, só eu a conheço. É uma ternura de mãe, disfarçada pela severidade de um pai. Como sofrerá essa ausência?

HENRIQUE - Se ele pudesse suspeitar o que se passa em mim, seria o primeiro a exigir que partisse. Há muito o devia ter feito.

ISABEL - Reflita, Henrique!

HENRIQUE - Não posso arrancar minh'alma aos pedaços e atirá-la para longe de mim. É preciso que eu a arraste comigo, Bela: e a desterre deste lugar onde cada um dos seus pensamentos é uma infâmia. Não devia ter vindo... Mas partir sem dizer-lhe uma palavra, sem dizer-lhe adeus... o último adeus..

ISABEL - Ainda nos veremos um dia!

HENRIQUE - Nunca!

ISABEL (*comovida*) - Não me roube essa esperança, Henrique!

HENRIQUE (*terno*) - Bela!

ISABEL (*recobrando-se*) - Adeus!

*(Estende-lhe a mão com frieza e*

*esforço.)* HENRIQUE - Tem razão!

Adeus, minha irmã.

ISABEL (*ouvindo bater à porta da rua*) -

Meu marido! Eis o que eu temia, Henrique!

HENRIQUE (*quer sair*) - Não posso vê-lo!

ISABEL (*com império*) - Fique!

HENRIQUE - Não sei fingir, Bela!

ISABEL - Mas esse mistério pode condenar-me, Henrique!

HENRIQUE - A ti, a mais pura e a mais santa das mulheres!... Impossível. (*Abre uma janela.*) Ninguém me verá. A noite está escura e o jardim deserto.

ISABEL - Mas é uma imprudência...

HENRIQUE (*na janela, já oculto pelas cortinas*) - Lembre-se alguma vez do mísero que enlouqueceu porque teve a desgraça de amá-la mais do que a um pai...

ISABEL - Adeus! E esqueça-me...

*(MIRANDA entra e ouve as últimas palavras de ISABEL que enxuga uma lágrima e voltando se acha-se em frente do marido que se tendo precipitado, a arreda violentamente e corre â janela.)*

### CENA XIII

ISABEL e MIRANDA

*(MIRANDA corre â janela e já não vê o vulto; luta, perplexidade entre o ímpeto de lançar-se pela janela e dirigir-se â mulher.)*

MIRANDA *(rindo convulso)* - Que importa! É um homem qualquer... o instrumento da desonra! O pretexto do crime!

ISABEL *(espanto)* - Ah! *(Pausa.)*

MIRANDA *(toma a luz e esclarece o rosto de ISABEL)* - Ainda cora!

ISABEL - De indignação, senhor!

MIRANDA - Nem uma palavra!

ISABEL - Oh!. não me defendo... Se eu fosse criminosa, já estava morta de vergonha a seus pés.

MIRANDA - Quem era esse homem?

ISABEL - Oh! Não! Nunca!

MIRANDA - Quem era esse homem,

senhora? *(Pausa.)* É escusado o

silêncio. ISABEL - Que diz, senhor?

MIRANDA *(mostrando a rosa, que apanha aos pés de ISABEL)* - Por quem, meu Deus!... Por um Sales!... *(Cobre o rosto com as mãos e*

*soluça. ISABEL olha-o com desespero.)*

ISABEL - Eu sou inocente, Augusto!

MIRANDA - Vi tudo, senhora!... Vi... Não cuide que a espiei. Oh não! minha confiança era cega. Mas disseram-me que se tinha recolhido incomodada, e eu abafei os meus passos para não perturbar o seu sossego! *(Ri-se.)* Imbecil! *(MIRANDA fecha as portas, vai ao gabinete; traz um par de pistolas. ISABEL, enquanto ele sai, ajoelha.)*

ISABEL - Dá-me coragem... meu Deus!

MIRANDA - Ele vai julgar-nos. *(Carrega as pistolas.)*

ISABEL - É um crime inútil, senhor. Sei respeitar a sua e a minha honra.

MIRANDA - Inútil é a vida que me deixou depois de calcar aos pés a minha felicidade. *(Aponta.)*

ISABEL - Oh! *(Grito de pavor. IAIÁ bate na porta, chamando: papai.)*



MIRANDA - Minha filha! Ah! é preciso viver para ela... e para o mundo! Quanto a vos... morremos um para o outro.

## ATO SEGUNDO

Em casa de MIRANDA - Varanda interior.

## CENA PRIMEIRA

RITA e JOAQUIM

(JOAQUIM *deita jornais e cartas sobre a mesa.*  
RITA *sai da janela.*)

RITA - O carro já está pronto, Joaquim?

JOAQUIM - Quem mandou aprontar?

RITA - Ninguém. Iaiá não passeia todos os dias?

JOAQUIM - Passeia com você.

RITA - Pois então?

JOAQUIM - Ninguém deu ordem.

RITA - Se a gente for esperar por isso, não se faz nada. Você vê quando é para deitar o jantar; pergunta-se ao Senhor, ele diz: "Se a Senhora mandar". Vai-se perguntar à Senhora, ela diz: "Se o Senhor mandar". E assim é tudo.

JOAQUIM - Que tem você com isso?

RITA - É que se a gente não fizer as cousas, ninguém manda fazer.

JOAQUIM - Branco lá se entende. Vá vivendo sua vida, Rita, que Senhor é muito bom.

RITA - Quem não sabe disto? Minha Senhora, essa é mesmo uma santa. Olhe, Joaquim! Tenho uma pena de ver como ela se amofina. E é por causa de seu Senhor!

JOAQUIM - Cale a sua boca, Rita. Não se meta onde não é chamada.

RITA - Mas, diga uma coisa! Antes de Nhanhã

Clarinha casar, não andava tudo tão direito?

JOAQUIM - Tal e qual, como agora.

RITA - Que história! Esta casa era uma alegria!...  
Sinhá brincava que parecia uma mocinha:  
Nhanhã estava sempre rindo e cantando; e  
Senhor moço Henrique esse nem se fala. Depois  
daquela doença grande de meu Senhor é que  
tudo mudou.

JOAQUIM - Aí vem Senhora; bico!

CENA II

*Os mesmos, ISABEL e IAIÁ*

ISABEL (*trazendo IAIÁ pela mão*) - Senhor já  
saiu?... JOAQUIM - Não Senhora. Está no

gabinete falando com um caixeiro do Sr. Souto.

ISABEL - Agora laiá vai passear, sim?... Passear no carro com Rita!

RITA - Venha, laiá!

ISABEL - Olhe, Rita está chamando. Não dá um beijo na sua Mamãe, não?... beija. Ah!... Agora vá dar um em Papai para laiá ficar bonita. (RITA *toma a menina.*)

RITA - Diga - *Mamãe adeus!...* Diga... Ora laiá é feia.

ISABEL - Tem cuidado com o vento! Ela não está boa.

RITA - Eu abaixo sempre as vidraças do carro.

JOAQUIM - O tempo está muito bom, sim Senhora.

RITA - Vamos tomar a benção a Papai?

ISABEL - Adeus!... (A RITA) não te demores

muito.

### CENA III

ISABEL e JOAQUIM

JOAQUIM - Esta carta é para minha Senhora.

ISABEL - Entrega a teu Senhor.

JOAQUIM - Mas ele não gosta.

ISABEL - Reuna com as outras.

JOAQUIM - Minha Senhora quer ler os jornais?

ISABEL - Depois, se ficarem aí.

JOAQUIM - Mando pôr o almoço?

ISABEL - Teu Senhor já pediu?

JOAQUIM - Ainda não, Senhora.

ISABEL - Escuta! ele anda doente?

JOAQUIM - Não, Senhora.

ISABEL - Ontem estava tão pálido...

JOAQUIM - Meu Senhor trabalha muito.

ISABEL - Passa as noites a escrever! E isso faz-lhe tanto mal!

JOAQUIM - Esta noite ele dormiu cedo!

ISABEL - Cedo! Às três horas ainda estava trabalhando.

JOAQUIM - E minha Senhora viu?

ISABEL - Não lhe digas isto. Acordei por acaso; pareceu-me ouvir gemer... Vim escutar naquela porta...

JOAQUIM - Quem sabe se não foi minha Senhora que passou ali a noite chorando.

ISABEL - Chorando por quê?... Não tenho

motivos de chorar. Vivo tão satisfeita! Tu não vês?...

JOAQUIM - Minha Senhora me perdoa. Eu não disse.

ISABEL - Sabes o que me aflige? É que falte alguma coisa a teu Senhor. Ele nunca se queixa! Mas deves ver o que ele deseja, para se fazer imediatamente. A roupa está pronta: vou dar-te daqui a pouco. Por que não trazes a outra?

JOAQUIM - A outra?...

ISABEL - Sim; para mandar lavar.

JOAQUIM - A outra... já foi, sim, Senhora.

ISABEL - Joaquim!... Que ordem te dei eu?

JOAQUIM - Que minha Senhora mesma é que

queria tomar conta da roupa de meu Senhor.

ISABEL - E não fizeste caso?...

JOAQUIM - Meu Senhor a semana passada me disse: - "Joaquim, não quero que tua Senhora tenha motivo de afligir-se. Ela não deve se amofinar com tantas cousas. Manda lavar minha roupa fora".

ISABEL - E tu mandaste?

JOAQUIM - Que havia de fazer, minha Senhora?

ISABEL - Tens razão. (*Enxuga a furto uma lágrima.*)

CENA IV

*Os mesmos e MIRANDA*

(JOAQUIM *afasta-se vendo o Senhor.* MIRANDA *cumprimenta friamente* ISABEL: *senta-se e lê as cartas*)

MIRANDA - Joaquim! Esta carta é de tua



Senhora.

JOAQUIM - Veio com as outras. (*Entrega a ISABEL.*)

ISABEL (*a meia voz*) - Espera!... (*Alto, lendo*) É uma carta de Nanhã D. Clarinha!... Ah! Ela vem hoje de Petrópolis.

JOAQUIM - Então não pode tardar.

ISABEL - Talvez venha almoçar aqui. (*Deita a carta aberta sobre o aparador.*)

MIRANDA (*a JOAQUIM*) - Esse bilhete de camarote... a tua Senhora. O cartão do Clube... É hoje!... Hás de preparar o carro!

JOAQUIM - Mando aprontar o carro do Senhor moço Henrique?

MIRANDA - Já pediste licença a tua Senhora? Faze o que ela mandar. (*ISABEL acena a JOAQUIM que sim.*)

CENA V

ISABEL e MIRANDA

MIRANDA - Senhora!... Nesta carteira encontrará toda a sua legítima.

ISABEL - Não entendo! Que significa isto?

MIRANDA - Quando nos... Quando seu pai me entregou, ela estava em apólices e prédios. Foi necessário vender tudo, vender pelo seu justo preço. Por isso esperei quase um ano!... Só agora acabo de recebê-la. Deus sabe quantos amargores me custou cada dia que demorei esta restituição.

ISABEL - Senhor! Esta riqueza lhe pertence e à nossa filha! Eu não a quero, não a aceito.

MIRANDA - É verdade que uma lei me daria o direito à metade dela, se ainda fosse seu marido. Não o sou!... Esta riqueza é sua, unicamente sua. Pode dispor dela como entender: está em vales ao portador. Para *minha* filha e para mim basta o meu trabalho.

ISABEL - Mas, Senhor! Quer isto dizer... que me despede?

MIRANDA - Não lhe merecia semelhante suposição! Isto quer dizer que não é minha intenção condená-la a sofrer-me. Nesta casa sabe que é Senhora; todos lhe obedecem. Como Senhora viverá nela enquanto for de sua vontade; como Senhora a deixará quando lhe aprouver.

ISABEL - Senhora, é verdade!... E antes me queria escrava, do que sofrer o luxo desse generoso desprezo que me cerca de tantos cuidados... E eu não o mereço, não, Senhor!

MIRANDA - Não falemos do passado.

*(Apontando para a carteira)* Acabo de

resgatá-lo. ISABEL - Oh! Não há razão que

me faça consentir neste sacrifício.

MIRANDA - Há uma, Senhora, que a fará consentir: e é que eu não recebo esmolas de estranhos.

ISABEL - De estranhos!

MIRANDA - Se não aceita seu dote, neste caso sou eu que me vejo obrigado a deixar esta casa.

ISABEL - Dê-me, Senhor! Não tivesse eu

uma filha, sei o que faria desse papel.

CENA VI

*Os mesmos e SALES*

SALES - Desculpe-me se usei da antiga liberdade!

MIRANDA - Oh! É o Senhor Sales, minha mulher! (A SALES) Esta casa é sua. (*Apertando a mão.*)

SALES - Obrigado. Vossa Excelência tem passado bem? D. Isabel! (*Cumprimenta.*)

MIRANDA - É uma surpresa agradável a sua visita.

SALES - Há quase um ano que não tinha o prazer de vê-lo.

MIRANDA - Quase um ano! Oh! lembro-me perfeitamente (A ISABEL) Falamos tantas vezes do Senhor; não é verdade?

ISABEL - Ah!...

SALES - Está incomodada, D. Isabel?

MIRANDA - Sofre agora dos nervos. Não é nada.

SALES - Deve passar algum tempo em Petrópolis com seu cunhado. D. Clarinha está tão corada!

MIRANDA - Esteve com eles?

SALES - Vejo-os todos os dias. Logo que cheguei da Europa, aconselharam-me que fosse passar lá o verão.

MIRANDA - Ah! Foi à Europa! Não sabia.

SALES - Pois eu despedi-me! É verdade que não tive a honra de encontrar a Vossa Excelência.

MIRANDA (*sorrindo*) - Mas encontrou a Senhora.

SALES - Também não. Disseram-me que Vossa Excelência estava gravemente doente, e que a Senhora não recebia. Deixei um cartão. Não lho

entregaram?

MIRANDA - É natural.

SALES - Depois soube que tinham ido para a fazenda.

MIRANDA - Estivemos algum tempo, logo depois do casamento de Henrique.

SALES - Que se fez tão de repente!

MIRANDA - Como todos os casamentos!... Pois agora está de volta, Senhor Sales, espero que continue a honrar esta casa.

SALES - Com muito gosto.

MIRANDA - Minha... mulher aprecia infinitamente a sua amável companhia. E eu... sabe quanto o estimo... meu amigo... (*Aperto de mão.*)

SALES - Tanta bondade!

MIRANDA - Ia sair... Dá-me licença. (ISABEL *ergue-se.*)

SALES - Pois não! Sem cerimônia.

MIRANDA - Fique conversando com minha mulher... Ela estimará muito saber notícias... de Petrópolis. Use nesta casa de toda a franqueza.

ISABEL - O almoço...

MIRANDA - Ah! não esperem por mim. *(Sai.)*

CENA VII

SALES, ISABEL, CLARINHA e HENRIQUE

SALES - Sua filhinha está muito crescida, D. Isabel?

ISABEL - Oh! como sofro, meu Deus! Sinto-me realmente doente.

SALES - Deve tratar-se.

ISABEL *(a sair)* - Desculpe-me; mas eu não posso!...



SALES - Desejo que se restabeleça. (*Corteja.*)

CLARINHA - Abraça-me outra vez. Que saudades, ingrata!

ISABEL - E tu?

CLARINHA - Queixa-te de Henrique.

HENRIQUE - Adeus, Bela. Não creia.

ISABEL - São desculpas.

HENRIQUE - Augusto?

ISABEL - Saiu.

CLARINHA - Eu te contarei tudo. Temos muito

que conversar; como está meu tio?... E laiá?...

ISABEL - Todos bons. (*Afastam-se.*)

SALES - Voltou ontem muito tarde?

HENRIQUE - Era noite já.

SALES - Foi feliz?

HENRIQUE - Oh! uma batida cheia!... Os cães levantaram uma anta, a maior que tenho visto! Os outros atalharam no rumo em que vinha a caça: mas eu fiquei junto de um córrego. "E aqui a espera!" Nisto vejo relampear entre folhas. Mal tive tempo de faiscar. Um tiro soberbo!

SALES - É a sua paixão!

HENRIQUE - É quando vivo. Quem não é caçador, não pode compreender as emoções de uma espera.

SALES - Mas D. Clarinha anda sempre assustada.

HENRIQUE - Mulheres!...

CLARINHA - Já está por aqui?

SALES - Vim ontem mesmo.

CLARINHA - E retira-se com a nossa chegada!

SALES - Ia sair, quando entravam. D. Isabel está incomodada.

CLARINHA - Ah! que tens?

ISABEL - Não sei, sinto-me melhor.

SALES - A Senhora também deve estar fatigada da viagem. Voltarei à noite.

CLARINHA - Até logo. Já notaste, Bela, o Senhor Sales, depois que foi à Europa, perdeu o hábito da rosa!...

SALES - A minha rosa abandonou-me, D. Clarinha.

HENRIQUE - Onde deitariam a nossa mala?

ISABEL - Está no seu quarto. Quer entrar?

CENA VIII

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Agora é que reparo. Estás realmente pálida.

ISABEL - Não faças caso! Ando muito nervosa.

CLARINHA - Será algum irmãozinho de laiá?

ISABEL - Coitadinha! Este prazer nunca há de ela sentir.

CLARINHA - Sério?... Mas vamos a saber. Que vida é a tua?

ISABEL - Sempre a mesma.

CLARINHA - Não é o que me disseram em Petrópolis.

ISABEL - O que te disseram?

CLARINHA - Que já não sais, não passeias, e estás sempre metida em casa. Depois que me casei, nunca mais foste ao teatro.

ISABEL - Não tenho tempo agora! Preciso cuidar de minha casa, vivo para minha filha...

CLARINHA - Ora não vejam esta mãe de família com 23 anos e com este rostinho de menina... Está me parecendo uma cousa.

ISABEL - Podes acreditar...

CLARINHA - Está me parecendo que o Senhor meu tio depois que se viu deputado, comendador e não sei que mais, já não se lembra que tem uma mulherzinha tão bonita, e deixa-a ficar em casa enquanto ele anda por aí todo repimpado na sua farda.

ISABEL - Como és injusta! Não há divertimento no Rio de Janeiro em que ele se esqueça de mim. Quando fores à sala verás... Os vasos estão cheios de cartões de bailes, concertos e teatros. Olha! (*mostra os cartões*) ficam aí porque

já não tenho gosto.

CLARINHA - Ou porque não tens com quem ir?

ISABEL - Como no tempo em que estavas aqui!

CLARINHA - Parecia de propósito. Não havia noite de baile, em que não se tratasse de eleições.

ISABEL - Agora não é assim... Antes fosse!

CLARINHA - Por que razão?

ISABEL - Não sei noite alguma, sem

primeiro saber se eu quero ir a alguma

parte. CLARINHA - Bravo! Assim é que eu

entendo. Está tomando jeito.

ISABEL - Mas isso aflige-me. Deixa de distrair-se por minha causa.

CLARINHA - Não faz mal. Um marido bem procedido não se diverte quando sua mulher fica em casa. Nem sei donde te vieram semelhantes idéias.

ISABEL - Tu amas teu marido, Clarinha?

CLARINHA - Que pergunta!

ISABEL - Então deves compreender que ele tem necessidade de alguma coisa que preocupe o seu espírito. Um homem não vive só pelo coração como nós.

CLARINHA - O que eu compreendo é que

eles têm de obrigação de nos fazer felizes.

## CENA IX

*As mesmas e* HENRIQUE

ISABEL - Está ouvindo?

HENRIQUE - É comigo?

CLARINHA - Chegou muito a propósito, meu Senhor.

HENRIQUE - Cousa rara nos maridos.

CLARINHA - Participo-lhe que estes oito dias passo com Bela.

HENRIQUE - Não eram três?

CLARINHA - Mudei de opinião.

ISABEL - Fizeste muito bem.

HENRIQUE - Neste caso virei buscá-la na segunda-feira.



CLARINHA - Que tem a fazer lá? Deixe que os pássaros e as pacas descanssem este tempo.

HENRIQUE - E que fico eu fazendo aqui?

CLARINHA - Fazendo-me companhia.

HENRIQUE - Ora! Há oito meses não faço outra coisa.

CLARINHA - Era bom que tomasse algumas lições com seu irmão, e visse como um marido deve tratar sua mulher.

HENRIQUE - Ah! É por isso que deseja que eu fique?

CLARINHA - Não se lhe pode ocultar coisa alguma.

HENRIQUE - Pois eu faço-lhe a vontade, mas com uma condição.

CLARINHA - Conforme for ela.

HENRIQUE - Há de pedir a Bela, que lhe ensine como a mulher deve amar seu marido, desculpar-lhe todas as faltas...

ISABEL - Eu dispenso o meu elogio, Henrique.

CLARINHA - Acrescente: porque ele lhe faz todas as vontades.

HENRIQUE - Oh! ela merece tudo.

CLARINHA - Muito obrigada. Eu não mereço nada.

ISABEL - Deixem-se disso.

HENRIQUE - Então está decidido. Ficamos oito dias.

ISABEL - Nem os deixo ir antes.

CLARINHA - E quando for levo-te comigo: já vou te avisando!

ISABEL - Se Augusto quiser.

HENRIQUE - Até já.

CLARINHA - Onde vai?

HENRIQUE - Vou dar um passeio, enquanto meu tio não chega.

CENA X

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Viste?

ISABEL - Vi, Clarinha! Vi que Henrique não é feliz. E não foi isto o que me prometeste.

CLARINHA - Que posso eu fazer, Bela? Fomos felizes nos primeiros meses. Tu sabes como ele me amava, quando nos casamos.

ISABEL - Sei e não fazes idéia do alívio que eu sentia durante a moléstia de Augusto vendo nascer esse amor.

CLARINHA - Não pensavas decerto que havia de acabar tão cedo? Henrique já não me ama, Bela.

ISABEL - Porque não queres.

CLARINHA - Sou eu que não quero?

ISABEL - Uma mulher bonita e inteligente como tu, Clarinha, que não teve a desgraça de perder a estima de seu marido, só o não obriga a amá-la, quando não quer.

CLARINHA - Gosto de te ouvir falar!... Henrique não pára em casa: anda sempre em caçadas, ou passeios. Volta fatigado e aborrecido; tudo lhe enjoa; tudo o contraria.

ISABEL - E tu em vez de agradá-lo, e

satisfazer-lhe todos os caprichos, ficas arrufada,

não é? CLARINHA - Quem pode suportar isto,

Bela?

ISABEL - Foi por esta razão, que eu

te perguntei se amavas teu marido.

CLARINHA - Quem o sabe melhor do

que tu?

ISABEL - Não me compreendeste. Não te perguntei se amavas Henrique; porém, se amavas teu marido. Parece-te uma extravagância, não é assim?

CLARINHA - Deveras não te entendo.

ISABEL - Como amamos nós o homem que escolhemos e com quem nos casamos? Como moças que não conhecem o mundo, e apenas sabem da vida os sonhos doirados. É um bonito romance que fazemos, todo cheio de emoções, de sorrisos, e de flores. Foi assim que eu amei Augusto e que tu amaste Henrique.

CLARINHA - E ainda não mudei.

ISABEL - Estás bem certa disso?... O casamento mata esse primeiro amor que dura alguns meses, o primeiro ano quando muito. Desaparece a ilusão: o marido não é mais um herói de um bonito romance, torna-se um homem como qualquer outro, e às vezes mais ridículo, porque o vemos de perto. Então sente-se n'alma um vácuo imenso que é preciso encher.

CLARINHA - Porém tu me justificas.

ISABEL - Ouve. Nesse momento é preciso toda a coragem senão o tédio e a monotonia de uma vida já sem esperanças nos invade. A

imaginação procura no mundo o que não acha na família! E sabes o que se encontra?... Pelo menos o martírio de uma vida inteira.

CLARINHA - E tu sentiste isso, Bela?

ISABEL - Eu?... Oh! não o digas a ninguém! Senti os desenganos das minhas mais doces esperanças, senti morto o meu primeiro amor, e tive medo que uma afeição estranha se insinuasse em meu coração. Via fugir a pouco e pouco esse amor de que tinha vivido tanto tempo e ao qual dedicara toda a minha existência. Achava-me tão só no mundo, longe da família que eu tinha deixado, e mais longe da nova família que eu ainda não sabia compreender. Era um deserto, em que minha alma vagava sem abrigo. Oh! nunca sofras, tu, Clarinha, o que eu sofri!... Mas Deus salvou-me. Amei meu marido.

CLARINHA - Como?

ISABEL - Amando minha filha. Refugiei-me nessa afeição. Aí encontrei de novo o homem que eu tinha amado: associei-me a essa vida que outrora me parecia tão seca e tão egoísta:

acompanhei-o de longe, e vi quanta generosidade e quanta delicadeza encobre a sua reserva. A minha solidão foi-se povoando: o governo da casa, os cuidados domésticos, o desejo de tornar doce e cômoda a existência daquele que se dedicava à felicidade da família, deram-me as emoções mais agradáveis e mais puras que tenho sentido. Queres que te confie uma cousa? O meu maior prazer é ler os discursos de Augusto. Não te rias!

CLARINHA (*rindo*) - Hás de entendê-los perfeitamente!

ISABEL - Não os entendo, não! Mas no modo de dizer, na maneira digna por que ele ataca um adversário, no generoso entusiasmo com que defende uma idéia, na firmeza e sinceridade de sua palavra, aprendo a conhecer a nobreza de seu caráter; e descubro muitas vezes uma qualidade que ainda não se me tinha revelado. Olha, Clarinha: é um erro nosso, muito comum. Admiramos os estranhos pela consideração de que eles gozam na sociedade; e entretanto uma mulher, em vez de acompanhar o marido em seus trabalhos, em suas



empresas, em suas glórias, quer achá-lo tal qual ela o sonhou, na obscuridade e no repouso da vida doméstica!

CLARINHA - Assim tu tens hoje por teu

marido uma verdadeira paixão. ISABEL -

Mais do que paixão; porque é também

estima, respeito e admiração.

CLARINHA - E teu marido te paga com o

mesmo amor?

ISABEL - Ele?... Não sei, Clarinha... Nunca lhe perguntei...

CLARINHA - Ah! não sabes!... Sentes tudo isto, dizes que uma mulher bonita e inteligente basta querer para ser amada por seu marido, e não sabes se teu marido te ama?... Pois minha rica prima, a tua história é muito bonita, mas não me agrada!

ISABEL - Asseguro-te que sou mais feliz do que mereço.

CLARINHA - Ora, pois não está se vendo nos teus olhos! Se a felicidade doméstica - não é assim que se chama? - tem esse sorriso triste, e esse rosto pálido, podes ficar certa que não a deixo entrar na minha casa. Não! Prefiro mil vezes as espingardas, os cães de caça e os aborrecimentos de Henrique.

ISABEL - Escuta!

CLARINHA - Vamos ver se Augusto já veio.  
(*Pausa.*) Então não vens?

ISABEL - Não!... Inda não chegou!

CLARINHA - Não importa! Quero correr a casa! Há tanto tempo!... Eu também tenho aqui as minhas recordações! Vou te mostrar o lugar onde Henrique confessou a primeira vez que me amava... quando os médicos declararam que Augusto estava salvo! Vem!

ISABEL - Não! Não posso agora... Não gosto de entrar lá.

CLARINHA - Por que motivo?

ISABEL - Ele pode suspeitar que desejo conhecer os seus segredos!...

CLARINHA - Meu Deus! Quanto mistério para se amar seu marido. Deste modo Henrique pode ficar descansado.

CENA XI

*As mesmas e MIRANDA*

MIRANDA (*entrando*) - Adivinhei que já estava aqui.

CLARINHA - Oh! Excelentíssimo!

MIRANDA - Sempre bonita e sempre alegre!

CLARINHA - É o que me vale!... Se eu não trouxesse a alegria comigo, morria de tristeza naquele desterro de Petrópolis.

MIRANDA - Como está Henrique?

CLARINHA - Bom; já anda passeando. Mas

que é isto, meu tio? Cabelos brancos?...

MIRANDA - Estou velho, Clarinha.

CLARINHA - Com trinta anos!... E de

repente!... Quando aqui estava, não tinha

nenhum! MIRANDA - Tinha e muitos.

CLARINHA - Não, Senhor. Nunca vi.

MIRANDA - Porque os pintava! Era uma fraqueza minha... Ainda fazia a corte a... Bel... a sua prima. Não queria parecer velho.

CLARINHA - Mas, agora está homem sério: já não se ocupa com essas ninharias. Só trata de ser ministro!

ISABEL (*a meia voz a CLARINHA*) - E há de ser!

MIRANDA - Não tenho semelhantes aspirações! A política faz-me as vezes de um vício. Dá-me as emoções que os outros encontram no jogo, ou na embriaguez. Atordoa-me: nada mais!...

CLARINHA - Não lhe gabo o gosto.

MIRANDA - Este mundo, Clarinha, é um

precipício que todos devemos atravessar pelo estreito passo da vida. O imprudente pára no meio e olha o fundo, vacila e cai. É preciso fechar os olhos e correr, para não sentir a vertigem.

CLARINHA - Mas essa teoria é só para os homens.

MIRANDA (*sorrindo*) - Não a aconselho a ninguém.

CLARINHA - O que é verdade é que a política tem-no feito velho, magro, feio, e até distraído.

MIRANDA - Sei que tenho todos os defeitos, mas ainda não tinha reparado nesse último.

CLARINHA - Pois não, sempre que vinha da rua  
apertava a mão de Bela.

MIRANDA - Não apertei agora! Ah! foi realmente  
uma distração. Outra vez não cairei nesta falta.

CLARINHA - Ainda está em tempo.

MIRANDA - Minha mulher...

CLARINHA - Minha mulher?... Diga a Senhora. É  
mais aristocrático!

MIRANDA - Be...la dispensa. (*Afasta-se.*)

CLARINHA - Mas eu não dispenso.

ISABEL (*gesto implicante*) - Deixa-te disso.

CLARINHA - Se é uma cousa que eu achava tão  
bonito! E tinha pedido a Henrique que tomasse  
com o Senhor umas lições de bom marido!... Mas  
estou vendo que o mestre desaprendeu!...

MIRANDA - Não diga isto. (*Vai a ISABEL.*) Está satisfeita? (*Estende a mão e toca apenas a de ISABEL.*)

CLARINHA - Deveras, meu Senhor!... Era assim que apertava a mão de Bela? Tenha a bondade! (*MIRANDA recua vivamente.*)

ISABEL - Clarinha!

CLARINHA - Ora! Não vejam que

sacrifício beijar uma testa tão bonita?

MIRANDA - Já estamos velhos:

essas ternuras são ridículas.



CLARINHA - Diga o que quiser. Há aqui

alguma coisa que eu hei de descobrir.

MIRANDA - Que lembrança... Por uma

ninharia?... Faça-lhe a vontade. (*Acena que*

*beija.*) ISABEL (*a meia voz*) - Perdão!... Eu não

tenho culpa!

CLARINHA - Assim é que se acabam com esses arrufos... Agora, Bela, dá-me de almoçar que estou caindo de fome. Henrique que almoce onde estiver!

ISABEL - Não queres mudar o vestido?... Teu quarto está pronto! (*Vai saindo, entra*

HENRIQUE *da rua.*)

CLARINHA - Vamos. (A MIRANDA) Vossa Excelência permite. (*Chegando-se a meia voz.*) Não me queira mal. Sei que os homens nunca devem ceder; mas, não posso vê-lo agastado com Bela! E por quê? Por alguma zanguinha! Alguma teima que nada vale...

MIRANDA - Justamente!... Ela teima em não dar uma ordem, com receio de contrariar-me; e o que me contraria é que esperem por mim. Tudo quanto ela mandar acho bem feito!

CLARINHA - Delicadeza da parte de Bela...

Não repare nisso... Ela lhe quer muito bem!

MIRANDA - Muito! Eu tenho provas!

ISABEL (*na porta*) - Não vens, Clarinha?

CLARINHA - Aqui me tens! (A HENRIQUE.) Oh!

depressa voltou!

## CENA XII

MIRANDA e HENRIQUE (*abraçam-se.*)

MIRANDA - Com estás?

HENRIQUE - De saúde, bem.

MIRANDA - E do resto?

HENRIQUE - Vive-se.

MIRANDA - Falas de um modo! Acaso não és feliz?

HENRIQUE - Feliz?... Não sei.

MIRANDA - Não o és decerto. A felicidade sente-se, e com tal exuberância, que derrama-se em torno por quanto nos cerca.

HENRIQUE - Segue-se que ainda não me chegou; mas também asseguro-lhe, meu tio, que

não tenho o mau gosto de considerar-me desgraçado.

MIRANDA - Na tua idade, casado com uma bonita moça, tão prendada pela natureza, como pela fina educação que recebeu; possuidor de uma abastança que te poupa a humilhação do serviço mercenário; sem entorpecer os nobres estímulos do trabalho; amado pelos teus, estimado por todos, que te falta para ser feliz, Henrique?

HENRIQUE (*a rir*) - Nada, meu tio! Eu sou, e o confesso para minha confusão, o filho pródigo da fortuna. Essa deidade caprichosa, guiada pela mão do melhor dos homens, de um pai extremoso (*aperta a mão de MIRANDA*) encheu-me de benefícios; e o ingrato, apesar de todos os carinhos da sorte, ainda deseja.

MIRANDA - Mas em suma, que desejo é esse? Não poderemos satisfazê-lo?

HENRIQUE - É o meu sonho. No meio dessa ventura, que lhe devo, meu tio, sinto às vezes um grande vácuo dentro d'alma: e esse vácuo vem enchê-lo o tédio e o desânimo... Lembro me que

sou um ente inútil, que as horas e os dias monótonos gastos em consumir a existência, podia eu dar-lhes um emprego útil, na ciência, nas letras, em qualquer outra ocupação. Minha distração é a caça; não podia ser a política?

MIRANDA (*a rir*) - Que é ainda uma espécie de caça, a de alteneria. (*Sério.*) Meu querido Henrique, caíste na mesma ilusão que infelizmente nos arrasta a todos nós, os filhos pródigos da fortuna, como disseste há pouco.

HENRIQUE - Qual?

MIRANDA - Na mocidade, a vida abre-se diante de nós como um jardim; entramos por essa mansão risonha com a alma cheia de desejos e esperanças. Uns, famintos de riqueza, divisam o pomo de ouro, e arrojam-se por entre abrolhos e fraguados para alcançá-lo. Outros, sedentos de glória, deslumbram-se com os esplendores dessa rosa mágica riçada de espinhos, que desabrocha nos cimos inacessíveis dos rochedos, à borda dos abismos.

HENRIQUE - Meu tio é um desses!

MIRANDA (*com expressão*) - Fui!... Outros finalmente caminham dia e noite, extenuados de fadiga, rompendo a espessura, para descobrirem o fruto da ciência. Entretanto, lá está logo à entrada do jardim, rasteira e oculta, a flor modesta, a violeta celeste que Deus plantou na terra para derramar sobre a alma o bálsamo divino. Alguns a olham de longe, desdenhosamente; muitos aproximam-se um instante atraídos pelo suave perfume; mas todos passam além; nenhum põe aí o termo dessa jornada que se chama a vida; nenhum faz dessa flor agreste o seu primeiro cuidado e o seu melhor tesouro.

HENRIQUE - Quanto a mim, não tem razão, meu tio!

MIRANDA - Ouve! Quando chega o inverno, que os expulsa do jardim encantado, lá voltam os viajantes alquebrados, com a alma seca e árida como um deserto; um mordeu o pomo de ouro, e viu que estava cheio de cinza; outro quando pensava colher a rosa, ela transformou-se em chama que o abrasou e desfez-se em fumo; o terceiro, mal tocava no fruto da ciência, este se

desfazia em pó. Todos ao passarem pela moita rasteira, buscam com os olhos a florzinha; e já não a acham; murchou.

HENRIQUE - Não há de murchar para mim, como não murchou para o Senhor.

MIRANDA - Oh! para mim, não, decerto! Essa flor, já compreendeste, Henrique, é a felicidade conjugal; que embalsama com sua divina fragrância o seio da família, que adorna de festões e grinaldas o lar doméstico, e cobre de uma eterna primavera a nossa existência. Hás de ter visto, em tuas excursões pelas matas de Petrópolis, esses troncos decepados e carcomidos, verdadeiros anciãos da floresta; rebentam-lhe os renovos pelas raízes, e a folhagem brilhante do jovem arvoredor os veste de galas. É assim o velho que sonha cultivar a felicidade conjugal; os filhos e as famílias que lhe crescem em torno o cobrem de sorrisos e carinhos.

HENRIQUE - E cuida meu tio que eu não tenho as mesmas idéias?

MIRANDA - Tu, Henrique, és daqueles que se aproximam da flor, aspiram-lhe um momento o perfume, mas passam, deixando-a agreste como nasceu. Não confessaste que, ao lado de tua mulher, sentes um vácuo n'alma; e tão grande que passas dias longe de casa, pelos matos a caçar? Queres ocupá-lo com a política! Isto é, queres encher o coração de cascalho.

HENRIQUE - Não vivemos unicamente para a família; o espírito carece de uma ocupação.

MIRANDA - Decerto; devemo-nos todos à pátria e à humanidade. Mas, acredita-me, a primeira ocupação e a mais séria do homem é a sua felicidade doméstica. Não há neste mundo mais sagrado sacerdócio do que seja o do pai de família; ele assemelha-se ao Criador, não somente quando reproduz a sua criatura, mas quando desses anjos (*entra RITA com IAIÁ*) que Deus lhe envia, ele prepara as futuras mães e os futuros cidadãos. É só depois de cumprida esta santa missão, que temos o direito de dar a outros misteres as sobras da nossa alma.



HENRIQUE - Não haverá exageração nesse modo tão exclusivo de considerar a família, sobretudo no século em que vivemos, meu tio?

MIRANDA (*confuso*) - É possível. Fui daqueles que se deixaram arrastar pela vertigem; felizmente esbarrei a tempo; mas, por isso mesmo talvez influa em mim o perigo que ameaçou a minha felicidade.

HENRIQUE - Mas hoje nada a perturba?

MIRANDA - Nada.

HENRIQUE - Quanto isso me alegra! E eu disse que não sabia se eu era feliz. Posso não sê-lo, vendo-o cercado de todas as venturas, e coberto das glórias conquistadas na política?

MIRANDA - Quando te brotarem essas vergôntes, Henrique, (*mostra IAIÁ que tem nos braços*) então me hás de compreender; terás uma alma nova saída da refusão da alma velha; é a alma do pai.

HENRIQUE - Como está bonita, Iaiá!

Então já não conhece o primo Henrique?

CENA XIII

*Os mesmos, RITA, IAIÁ e JOAQUIM*

JOAQUIM - O almoço está pronto.

MIRANDA (*para* HENRIQUE) - Vai

almoçar, é tarde. Não te há de faltar

apetite. HENRIQUE - E meu tio, não

vem?

MIRANDA - Já tomei alguma coisa.

HENRIQUE - Até já. (*Sai.*)

MIRANDA (*senta-se com a menina no colo*) - Então, minha filha, passeou muito? Estava bonito o passeio? Por que não convidou Mamãe? Olhe! sempre que Iaiá for passear, há de convidar Mamãe, sim?

RITA - Sinhá não quer sair nunca, por mais que eu lhe diga...

MIRANDA - Agora como Clarinha está aqui...

RITA - Ah! Nhanhã D. Clarinha chegou?

MIRANDA - Pode ser que ela a acompanhe. Se precisar de alguma coisa... Talvez os vestidos já não estejam bons.

RITA - Estão novinhos em folha no guarda-roupa.

MIRANDA - Naturalmente porque não são do

gosto dela. Também tu não lhe perguntas o que ela deseja.

RITA - Sinhá acha tudo bom! Tudo lhe agrada mas não quer que se compre... Aquelas jóias, meu Senhor não sabe ainda, estão por abrir.

MIRANDA - Não teve a curiosidade de vê-las?

RITA - Viu, sim, Senhor, e achou muito bonitas. Mas de que serve?... Ninguém vê Sinhá com elas. Estão guardadas. Diz que hão de ser para laiá quando ficar moça. (*Pausa. MIRANDA brinca com a menina.*)

MIRANDA - Quem sabe se ela não está aborrecida do Rio de Janeiro. Talvez deseje fazer uma viagem, ir à Europa; e não me diz por acanhamento.

RITA - Qual, meu Senhor.

MIRANDA - Nunca a ouviste falar nisto?

RITA - Nunca, não, Senhor!

MIRANDA - Mas é preciso que faças com que tua Senhora se divirta um pouco. Ela anda muito triste e muito abatida: não tem distração!

RITA - Nem uma mesmo. Ela não quer sair: também aqui ninguém vem, senão quando meu Senhor...

MIRANDA - Basta! Não te perguntei por isso. *(Amimando a menina que tira o chapéu.)* Não desmanche os seus cachos! Quem foi que penteou laiá? Foi Rita? Não. Foi Mamãe? Foi! E quem vestiu?... Também foi Mamãe? *(A RITA)* Outra cousa! Por que deixas que tua Senhora se mate a coser a roupa de laiá? Não tem vindo constantemente roupa feita da casa da Cretin?

RITA - Sinhá não quer! Diz que isso é o seu divertimento!...

MIRANDA - O que é, minha filha? *(Entra*

ISABEL *sem ser vista*) Quer Rita?... Não.

RITA - É o brinquedo!

MIRANDA - Ah! Iaiá trouxe o seu brinquedo!... Quer que dê corda?... Muito bonito!... Quem deu a Iaiá?... Quem?... Senhor... diga... diga no ouvido do Papai!...

RITA - Foi aquele moço que encontramos na rua... Não se lembra... que beijou Iaiá... Senhor Sales.

MIRANDA - Senhor Sales... Ah! Foi ele!...  
(*Afastando a menina.*)

CENA XIV

MIRANDA e ISABEL

MIRANDA (*voltando-se, vê ISABEL*) -

Senhora! Eu lhe suplico! Uma dúvida

horrível! ISABEL - Oh! Por piedade!

MIRANDA - Esta menina...

ISABEL - Cale-se!... não vê que me está matando?

MIRANDA - É... É minha?...

ISABEL - Eu sou pura, Senhor! Juro!

MIRANDA *(respira)* - Ah!... *(Angustiado)* Mas que vale o juramento de quem esqueceu o mais santo!...

## ATO TERCEIRO

Na casa de HENRIQUE, em Petrópolis.

### CENA PRIMEIRA

ISABEL, CLARINHA, SIQUEIRA e SALES

*(SALES entra quando os outros têm chegado do passeio. Formam-se dois grupos separados*

CLARINHA e SALES - ISABEL e SIQUEIRA).

SALES - Como andam depressa!... Desde Vila Teresa que os sigo sem poder alcançar. Minha Senhora. (*Cumprimenta ISABEL.*)

CLARINHA - Ora! Por que tomou tanto incômodo!

SALES - Permite que lhe ofereça estas flores?

CLARINHA - O meu médico não permite,

não, Senhor: fazem-me dor de cabeça!

SALES - À vista disso condeno-as à

prisão. (*Esconde no peito.*)

CLARINHA - Era melhor que lhes desse a liberdade!



ISABEL - O passeio fatigou-me.

SIQUEIRA - Então já viste o lucro que se tira da política?

ISABEL - Fala comigo, meu pai?

SIQUEIRA - Não leste o jornal de ontem?

ISABEL - Não, já veio?

SIQUEIRA - Estava sobre a mesa. Traz uma correspondência bem forte contra Augusto. Entre outras cousas, diz que ele esbanjou a sua fortuna e de tua filha, e foi obrigado a vender quanto tinha para pagar dívidas de jogo.

ISABEL - Mas, é uma calúnia, meu pai.

SIQUEIRA - Quem o sabe melhor do que eu, Bela, que conheço Augusto, como a mim mesmo? É um homem de bem, na extensão da palavra!

ISABEL - Como lhe há de ter doído, meu

Deus! Ver-se insultado assim, e por quê?

SIQUEIRA - Ele já deve estar habituado!

São as flores da carreira política. ISABEL -

Não! Só eu sei o que ele terá sofrido.

SIQUEIRA - O melhor é não dar valor a isso! Não vale a pena chorar por tão pouco. Estou arrependido de ter falado nisso.

ISABEL - Por quê? Eu lhe agradeço.

Podia não ler o jornal e escapar-me.

SIQUEIRA - Não perdias nada.

ISABEL - É justo que tenha a minha parte

nesse desgosto. Não sou eu a causa dele?

SIQUEIRA - A causa?... E de que modo?...

ISABEL - Foi para satisfazer um desejo meu; talvez um capricho, que meu marido vendeu os nossos bens. Se não me fizesse a vontade não o caluniariam agora.

SIQUEIRA - Achariam outro pretexto. Não faltam!

CLARINHA - Meu tio!... O Senhor nunca teve ciúmes de sua mulher?

SIQUEIRA - Como, Clarinha? Não ouvi.

CLARINHA - Pergunto se o Senhor nunca teve ciúmes de sua mulher.

SIQUEIRA - Ah! Estou viúvo há tanto tempo!... A falar verdade, não me lembro.

CLARINHA - Ora! não quer responder.

SALES - O Sr. Siqueira já não entende desta matéria.

SIQUEIRA - Confesso que nunca fiz profissão dela.

CLARINHA - Pois querendo, pode tomar lições com o Senhor Sales.

SALES - Comigo! Ainda estou solteiro!

CLARINHA - Felizmente para sua futura mulher.

SALES - Explique-me a razão, D. Clarinha.

CLARINHA - Não quero ofender a sua modéstia.  
(A SIQUEIRA) Decididamente não responde?...

Meu tio tem na consciência algum pecado...

SIQUEIRA - O de ter querido bem a minha mulher.

CLARINHA - Não se pode querer bem, sem ter ciúmes.

SIQUEIRA - Conforme! Quando se está a merecer, é natural; mas depois que se tem a certeza de uma estima recíproca, me parece até uma ofensa.

SALES - Não concordo!.

CLARINHA - Nós já sabíamos a sua opinião, Senhor Sales, antes do Senhor dizê-la. E tu; Isabel, pensas como meu tio?

ISABEL - Perdoa, Clarinha! Estou tão aflita agora.

CLARINHA - Que foi! O que sucedeu? (*Correndo a ela.*)

ISABEL - Recebi uma notícia bem desagradável.  
CLARINHA - De quem? De Augusto? E não me dizias! (SALES *aproveita o momento em que CLARINHA se afasta para deitar no chapéu dela o ramo de flores.*)

SIQUEIRA - Não é nada! Uma calúnia anônima contra Augusto.

CLARINHA - Não dês importância a isto! É tudo inveja!...

SALES - Em minha opinião o código só devia admitir o anônimo nas correspondências amorosas...

SIQUEIRA - Essas estão fora da lei. (A ISABEL). Augusto virá hoje?

ISABEL - Estou esperando por ele.

SIQUEIRA - Então não pode tardar.

CENA II

ISABEL, CLARINHA e SALES

CLARINHA - Está bom! Não quero que meu tio te ache triste!

ISABEL - Augusto!... E este homem aqui!

CLARINHA - Não te importes com ele.

ISABEL - Tu sabes que eu não posso suportá-lo.

CLARINHA - Mas, que te fez ele, que não tens querido dizer-me!

ISABEL - Nada... uma repugnância invencível...  
Uma dessas antipatias que não se explicam...  
Não posso vê-lo.

CLARINHA - Espera. *(Alto)*. Senhor Sales!

SALES - Estava admirando esta cabana! É muito poética!

CLARINHA - Pois deixe a cabana tranqüila, e

faça-me o favor de ir até a Rua do Imperador.

SALES - Com muito gosto. Fazer o quê?

CLARINHA - Fazer-me a vontade.

SALES - A Senhora está gracejando.

CLARINHA - Ora! Por gracejo, não o

obrigava a ir tão longe. É muito sério.

SALES - Então não percebo.

CLARINHA - Porque não lhe faz conta. Tenha a bondade de ir até lá e contar quantas janelas tem



o Hotel de Bragança. Foi uma aposta que fiz com Henrique e quero ganhar.

SALES - O seu desejo é ordem para mim.

CLARINHA - Por saber disto é que tomei a liberdade.

SALES Quantas janelas a Senhora disse que tinha?

CLARINHA - Não me lembro.

SALES - Então é inútil!

CLARINHA - Não há meio de lhe fazer compreender as cousas. Henrique é teimoso, Sr. Sales, mas acredita no que lhe digo.

SALES - Perdão! Vou imediatamente: hoje

mesmo venho lhe trazer a resposta!

CLARINHA - Enfim... O Senhor é muito

amável... Mas é escusado vir hoje... Vamos

sair.

SALES - Então... será amanhã. (*Com intenção*)  
Uma e outra coisa.

CENA III

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Estás sossegada?

ISABEL - Tu me prometeste que eu nunca o encontraria aqui; e sem isso não vinha a Petrópolis.

CLARINHA - Henrique e teu marido é que são os culpados. Não há dia em que o não convidem.

ISABEL - Se o tratasses secamente!

CLARINHA - Trato-o como tens visto. Às vezes me aborrece; outras confesso que, na insipidez em que vivo, me serve de divertimento! É tão ingênuo!

ISABEL - Zombas dele, bem sei! Mas tu não vês que esse moço não te compreende, e supõe que o distingues? Não vês que ele só vem aqui por tua causa?

CLARINHA - Reparaste nisto?

ISABEL Não é de agora: quando solteira já ele te fazia a corte.

CLARINHA - Com uma rosa no peito: agora traz-me ramos de violetas. Vai em progresso.

ISABEL - Mas, Clarinha, bastava esse motivo para não consentires que ele freqüentasse a tua casa.

CLARINHA - Quem governa aqui? Não

sou eu? Henrique tem olhos como tu.

ISABEL - Talvez ainda não tenha

percebido.

CLARINHA - Tu percebeste?

ISABEL - Eu sou mulher, Clarinha!

CLARINHA - Qual, Bela. Não é essa a razão. É porque ele me estima.

ISABEL - Porque confia em ti.

CLARINHA - Confiança que se parece tanto com indiferença, não me agrada. Preferia que ele me julgasse uma cabecinha de vento!...

ISABEL - Ah! que não avalias o que agora desprezas.

CLARINHA - Pode ser!... Mas dize!... Que grande merecimento tem uma virtude da minha idade, que não acham muito feia, quando o marido entende que ela é inabalável?

ISABEL - Essa virtude tem o gozo imenso de inspirar a fé e a serenidade n'alma daquele que escolhemos para companheiro de nossa existência. Tem a satisfação íntima que lhe dá a consciência de sua força para resistir a qualquer desvario. O amor que produz o ciúme e as contrariedades, Clarinha, é uma excitação, que passa deixando a fadiga, o tédio e às vezes a dúvida: o amor que vive da confiança é uma afeição calma e doce. Há ocasiões em que parece fugir; mas volta sempre pela atração irresistível das recordações puras.

CLARINHA - Já me disseste tudo isto; mas o que eu sei é que se as perdizes viessem sem cerimônia passear neste jardim, Henrique não teria as tais emoções de caçador!... Pois eu

valho menos do que uma perdiz, Bela!

ISABEL - Não estás hoje com o teu bom humor.  
O que tens?

CLARINHA - O que eu tenho?... Tenho um marido que não se importa comigo. Tenho dezoito anos que não voltarão: e tenho a fraqueza de querer bem a quem não me quer. Achas que é pouco?

ISABEL - Está bom! Tudo isto passa com um abraço de Henrique. Não é Joaquim? Lá...  
(*Aponta.*)

CLARINHA - Parece. (*Afasta-se.*) Estás vendo! O Senhor Sales não fez a gracinha de deixar o seu ramo de flores no meu chapéu!

ISABEL (*sem voltar-se*) - É a consequência de teus gracejos! Quando te digo quê ele não compreende...

CLARINHA - Não é de admirar! Outros que deviam... (*Vai atirar o buquê, cai um bilhete que lê rapidamente e esconde.*) Que é isto? (*Pausa.*)

ISABEL - O que dizias?

CLARINHA (*comovida*) - Nada; não falei contigo.

ISABEL (*chegando-se*) - É preciso acabar com este brinquedo! Aquele moço pode te comprometer!

CLARINHA - Oh! Fique descansada! Vai acabar.

CENA IV

*As mesmas e JOAQUIM*

ISABEL - Teu Senhor não veio?

JOAQUIM - Veio, sim, Senhora. Ficou na estação.

ISABEL - Ele está bom? Passou bem na cidade?  
Não achou a casa muito desarranjada, não?

JOAQUIM - Sempre faltava minha Senhora lá;  
mas ele não sentiu nem um incômodo, não,

Senhora. (*Apresenta uma cestinha.*)

ISABEL - O que é isto?

JOAQUIM - São umas frutas que meu Senhor mandou trazer.

ISABEL - Para Iaiá?

JOAQUIM - Para minha Senhora.

ISABEL - Ah! Ele não se esqueceu de mim!

JOAQUIM - E é isto só?... Quando minha Senhora voltar para a cidade há de ver!... A casa nem se parece!... A sala de minha Senhora está que faz gosto!

ISABEL - Antes não lhe tocassem!... Vivi feliz ali por tanto tempo.

CLARINHA ( a JOAQUIM) - Quem te perguntou por isso? (A ISABEL) Era uma surpresa que Augusto queria te fazer. Agora já não é segredo! Foste tu mesma que escolheste os trastes, a cor do papel, as cortinas, tudo, até as perfumarias!



ISABEL - Estás sonhando, Clarinha; nunca falei de semelhante cousa.

CLARINHA - Deveras! Não te lembras do meu projeto?... E dos conselhos que me deste para arranjar a minha casa?... Pois era da tua, que se tratava!

ISABEL - Que maldade!

CLARINHA (a JOAQUIM) - Já está tudo pronto?

JOAQUIM - Está quase. Hoje foi o armador deitar os retratos.

ISABEL - Quais retratos?

JOAQUIM - O da minha Senhora, o de Iaiá, o de Nhanhã e o de Senhor moço Henrique.

ISABEL - E o dele?

JOAQUIM - O de meu Senhor?... Esse não vi, não, Senhora.

CLARINHA - Quer que tu o peças!... Faceirice desses meus Senhores: gostam de se fazer desejados!

ISABEL (a JOAQUIM) - Dize a Rita que traga laiá.

CLARINHA - Joaquim, ouve! Logo que escurecer hás de rondar pela parte de fora desta grade para que ninguém se aproxime. Estão-me roubando as flores.

JOAQUIM - Deixe estar, Nhanhã. Eu descobrirei quem é.

CENA V

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Ficas esperando por mano?

ISABEL - E tu por que não esperas também por Henrique?

CLARINHA - Não merece destas finezas! Não se deixou ficar ontem, por lá?... Que venha quando quiser!

ISABEL - Fez mal; porém vinga-te com generosidade. Se o receberes com meiguice, se te mostrares alegre, e carinhosa, ele terá remorsos, e outra vez não passará assim dois dias fora de casa, sem necessidade.

CLARINHA - Não passará dous não!

Passará oito! Nada. Este sistema não me

serve. ISABEL - Experimenta-o.

CLARINHA - Há outro melhor!

ISABEL - E não se pode saber?

CLARINHA - Não, Senhora! Também tenho os meus segredos!

ISABEL - Guarda-os: não sou curiosa senão da tua felicidade.

CLARINHA - Não te demores, este jardim é

muito úmido. E tu ainda não estás boa...

ISABEL - Quem fechou isto?... *(Na porta da cabana.)*

CLARINHA - Fui eu! Que vais fazer aí?

ISABEL - Meu chapéu!...

CLARINHA - Ah! Não vi. Toma. *(Fecha de novo e*

*guarda a chave.)*

## CENA VI

ISABEL e MIRANDA

MIRANDA (*cortejando de longe*) - Boa tarde, está melhor?

ISABEL - Melhor, muito obrigada. O Senhor passou bem?

MIRANDA - Passo sempre bem na cidade.

ISABEL - Decerto. Está mais tranqüilo: não é obrigado a constranger-se a todo momento. Mas foi o Senhor quem exigiu que eu viesse a Petrópolis!

MIRANDA - Perdão! Não exigi. Clarinha convidou-a.

ISABEL - Se eu não percebesse o seu desejo teria vindo?

MIRANDA - Este passeio deve fazer bem à sua saúde: é uma distração. Em companhia da sua prima, ao menos a Senhora não está tão só e tão triste.

ISABEL - A minha tristeza é natural; é gênio. Ninguém já repara nela. Mas o Senhor... Joaquim me disse... Tem feito tantas despesas em preparar a casa.

MIRANDA - Ah! Mande fazer alguns consertos... Desculpe-me se não a preveni. Pensei que a casa como estava podia trazer-lhe lembranças desagradáveis...

ISABEL - Guardava as mais doces recordações de minha vida! Não importa!... Nela viverei sempre feliz! O que sinto é que tome tanto incômodo por minha causa.

MIRANDA - Não, Senhora. A nossa posição exige uma certa decência, mesmo com sacrifício.

ISABEL - E por que não consente que sua filha tenha uma parte nesses sacrifícios?... A glória de seu nome, os seus serviços, a estima pública

que o cerca, não deve pertencer a ela algum dia?  
Por que não usa de sua fortuna?... Ela é rica!

MIRANDA - Minha filha é pobre... Quanto a essa fortuna, acredite-me, não a coloque nunca entre nós ambos... Se a felicidade de uma menina, e a sua honra, Senhora, só pudessem ser compradas por tal preço... Não teria a força.

ISABEL - E tem a força de se ver caluniado, de ver pesar sobre a sua probidade uma suspeita infame! Quando podia destruí-la com uma palavra!

MIRANDA - Injúrias anônimas! Quem está livre delas?... Ah! Se fossem esses os espinhos de minha vida! Cuida que ainda resta sensibilidade para esses pequenos dissabores nas almas devastadas pelas grandes dores!

ISABEL Se eu pudesse restituir-lhe a felicidade a custo de minha vida inteira... Mas tenho medo de morrer deixando-lhe essa idéia... É o que ainda me tem conservado neste mundo. Nunca, até hoje, o Senhor me quis ouvir uma palavra...

MIRANDA - Para quê?... É melhor não revolver esta cinza... seria mais uma humilhação para ambos, para o iludido, e para o que iludisse.

ISABEL - Senhor!... Sinto que pouco tenho a viver!... O que eu lhe digo agora, direi com meu último suspiro, quando Deus já não deixa mentir!... Sou inocente!...

MIRANDA - E eu não o sei?...

ISABEL - Ah!...

MIRANDA - A todo o momento o repito a mim mesmo... Estou ouvindo sempre, sempre, dentro de minha alma, essa palavra que já me disse uma vez... E quero crer... quero enganar me a mim mesmo! Mas... não posso!

ISABEL - Há em tudo isto um mistério que me condena!... Mas acredite! uma mulher criminosa, por mais vil que fosse, não vivia assim atada à sua vergonha, e esmagada por esse desprezo tão cruel, que a procura colocar a cada passo em face de um homem ridículo, que supõe seu amante! Oh! essa coragem só a dá consciência



pura.

MIRANDA - Tenho-a feito sofrer muito! Por

que não me deixou a mim só esse martírio!...

ISABEL - Não cumpro o meu dever?

MIRANDA - Dever!... A Senhora não tem deveres para comigo!

CENA VII

*Os mesmos e ALVES*

ALVES - Permissão para um viajante!

MIRANDA - Oh! Alves!... Quando chegaste?

ALVES - Esta manhã. (A ISABEL) Minha

Senhora! Soube agora que estavas aqui!

MIRANDA - Foste feliz na tua viagem?

Gozaste sempre saúde?

ALVES - Por esse lado não tenho razão de queixa. Passa-se perfeitamente em Minas: mas os negócios não correm bem.

MIRANDA - Creio que agora correm mal por toda a parte.

ALVES - É verdade!... Mas, por lá não fazes uma idéia... Vai para um ano, hás de te lembrar, que ando nas minhas cobranças, e de oitenta contos de réis não cheguei a arrecadar vinte!.

MIRANDA - Não desanimes por isso! Continua a trabalhar, e espera por melhores tempos.

ALVES - Sim; porém os meus credores, a quem passei letras ao prazo de um ano, não esperam

mais! Meu sócio já me escreveu, participando-me disso, e eu não sei o que fazer... Acho-me como vês numa situação bem crítica.

MIRANDA - Realmente para um homem do teu carácter a posição é terrível. Faltar aos seus compromissos.

ALVES - Ver declarar-se a falência da sua casa, e apesar de sua boa fé, fica sujeito a suspeitas injustas! Isso tem-me feito sucumbir! O prejuízo enfim, vá feito. Tenho forças para suportar a pobreza.

MIRANDA - Oh! A pobreza não assusta aos homens honestos. Dá-lhes estímulo ao contrário. Mas, dize-me que posso eu fazer em teu favor?

ALVES - Obrigado por esta palavra! Não esqueci o oferecimento sincero que me fizeste na ocasião de minha partida; mas, se não o lembrasses, não teria ânimo.

MIRANDA - Sim, eu te disse que podias recorrer a mim, no caso de qualquer embaraço...

ALVES - É o que eu faço e com bastante acanhamento. Nestes negócios vexo-me mais em dirigir-me a um amigo, do que a um estranho, a quem obrigo a minha firma, e não o meu reconhecimento.

MIRANDA - Não devias ter acanhamento comigo. A minha fortuna estava toda à tua disposição...

ALVES - És um verdadeiro amigo.

MIRANDA - Atende! Não mereço os teus elogios. O que eu te oferecia há um ano não o posso agora.

ALVES - Perdeste a fortuna?

MIRANDA - Não a tenho.

ALVES - Mas tuas propriedades, tuas apólices.

MIRANDA - Vendi-as todas.

ALVES - E o produto?

MIRANDA - Não sei!...

ALVES - Roubaram-te?...

MIRANDA - Não.

ALVES - Mas como se consome assim mais de cem contos de réis em um ano!...

MIRANDA - A vida é cara na atualidade... A política faz descuidar os negócios... Mil cousas que fora longo dizer!

ALVES - Ah! Desculpa-me! Vejo que te incomodo!

MIRANDA - Não! O que sinto é não poder servir-te.

ALVES - Por isso não deixaremos de ser amigos... Nada valho e agora menos; mas sou sempre o mesmo: na fortuna como na adversidade. Ao menos a franqueza acharás sempre em mim.

MIRANDA - Agradeço-te. Se alguma vez recorresse aos meus amigos, não lhes faria a injúria de duvidar de sua palavra; nem exigiria deles os motivos de seu procedimento. Há reservas que se respeitam.

ALVES - Acabemos com isso, Miranda. Perca-se tudo embora; mas o que eu não quero perder é a tua amizade.

ISABEL - Senhor Alves.

ALVES - Perdão, minha Senhora.

ISABEL - Atenda-me um instante. Eu lhe explico!

ALVES - Não é necessário.

ISABEL -- Não posso deixar que o Senhor conserve uma queixa de seu amigo e por minha causa... Foi um erro meu; as mulheres são às vezes tão imprudentes...

MIRANDA - Não se trata disso agora.

ISABEL - Tive a fraqueza de falar na riqueza de meu pai, uma vez que meu marido não quis satisfazer um capricho meu, uma extravagância... Ele perdoou-me; mas jurou que não tocaria nessa fortuna... Compreende agora... um escrúpulo... uma susceptibilidade... Dele pois, ou de mim, aceite, Senhor Alves.

ALVES - Não devia duvidar de ti!... (A ISABEL)  
Eu admiro e agradeço, minha Senhora. Mas não posso aceitar sem o consentimento de Miranda.  
(*Entra* HENRIQUE.)

MIRANDA - Ela pode dispor livremente do que lhe pertence, Alves.

ISABEL - Ouve? Não deve recusar.

ALVES - Mas, D. Isabel, eu tenho escrúpulos... Luto com embaraços; posso ser infeliz, e causar-lhe graves prejuízos.

ISABEL - Que importa!... Então deverei tudo a meu marido. É um orgulho de mulher, Senhor Alves.

ALVES - Pois bem, se for absolutamente necessário, aceitarei. Vou amanhã à Corte! verei o estado dos meus negócios e me resolverei.

## CENA VIII

*Os mesmos e HENRIQUE*

HENRIQUE - Oh! Estás de volta enfim.

ALVES - É verdade! E venho achar-te casado e feliz. O que são protestos de homem solteiro! (A MIRANDA) Na véspera de minha partida disse-me que nunca se casaria; e isso com um tom que me Convenceu.

MIRANDA - E um mês depois estava casado!

HENRIQUE - Todos fazemos o mesmo. Quando se protesta é porque já o negócio está decidido.

ALVES - Fizeste bem; o casamento é uma necessidade. HENRIQUE - Aos trinta anos: antes é um luxo. (*Vão se afastando.*)



ALVES - Estarás arrependido?

HENRIQUE - Não! Minha mulher vive satisfeita de seu lado, eu gozo de toda a liberdade... Nem um aborrece ao outro. Compreendemos o casamento, não achas?

ALVES - Teu tio me parece que o compreende de outra maneira!

HENRIQUE - Temos gênios tão diferentes! Já sei que ficas conosco alguns dias.

ALVES - Não posso nem passar a noite aqui; tenho que pôr em ordem as contas de minhas cobranças para amanhã seguir. *(Afastam-se.)*

MIRANDA (a ISABEL) - Obrigado, Senhora. *(Aperta a mão.)*

ISABEL - Me agradece, meu Deus!... Mas eu sinto não possuir outra fortuna para ter a felicidade de perdê-la, Senhor!

## CENA IX

ISABEL e CLARINHA

*(No fundo do portão vê-se HENRIQUE, AUGUSTO e ALVES.)*

CLARINHA - Bela!... Não viste Henrique?

ISABEL - Está aí conversando com o Senhor Alves.

CLARINHA - Não sei quem é?

ISABEL - Um amigo de Augusto. Vamos ter com ele?

CLARINHA - É o que faltava!... Chegou

depois de dois dias e ainda nem me

procurou!... ISABEL - Chegou agora

mesmo!... Olha! ali vem ele.

CLARINHA - Deixa-me só! Se estiveres aqui, ele nada me dirá!

ISABEL - Tens razão. *(A meia voz a*

HENRIQUE) Clarinha está zangada:

abraça-a. HENRIQUE - Adeus, Clarinha!

CLARINHA - Ah! Já não o esperava!

HENRIQUE - Também era demais. Duas noites pode-se passar fora de casa, porém três... Era um escândalo!

CLARINHA - Ora! que tinha isso! Podia se

divertir! Não reparo nestas cousas.

HENRIQUE - Então não está zangada comigo?

CLARINHA - Zangada por quê? Não nos casamos para aborrecermo-nos todos os 365 dias do ano... Divertiu-se muito?

HENRIQUE - Nem por isso!... Perdi o meu tempo e o melhor perdigueiro.

CLARINHA - Que desgraça!... Pois nós brincamos e passeamos muito. Mano ficou na cidade; porém o Senhor Sales fez-nos sempre companhia. Esteve muito amável.

HENRIQUE - Faço idéia! Quantas vezes falou da viagem à Europa?

CLARINHA - Uma vez só! Não sabes! Confessou-me que tinha feito essa viagem por causa de um desgosto que sofrera. Um casamento... Não sei o quê!...

HENRIQUE - Estou muito fatigado para ouvir agora as histórias de Sales, Clarinha. Manda me preparar alguma coisa para jantar... Venho morto de fome e de sono.

CLARINHA - Pode dormir estes dois dias...  
Amanhã temos um passeio ajustado para a  
Cascatinha; a casa fica bem sossegada. Ah!  
Guarda-me esta chave! Não perca!

HENRIQUE - Que passeio é esse tão fora de  
propósito?

CLARINHA - Já convidei Bela, o tio Siqueira, e  
o Senhor Sales. Cuidei que não viesse hoje.

HENRIQUE Se eu soubesse disso decerto que  
não vinha cá.

CLARINHA - Foi pena!... Quando quiser, chame  
Augusto e venha jantar. *(Sai correndo, e deixa o  
lenço com o bilhete de SALES, que HENRIQUE  
apanha.)*

CENA X

MIRANDA, HENRIQUE, ISABEL e IAIÁ

*(ALVES despede-se no fundo e sai. MIRANDA dirige-se a HENRIQUE, enquanto ISABEL recebe de RITA a menina e senta-se com ela à porta.)*

ISABEL *(a RITA)* - Podes ir. *(A IAIÁ)* Vamos ver papai!... Minha filha há de dizer que teve muitas saudades de Papai! Diga sim! Para Mamãe lhe querer bem!...

MIRANDA *(Vendo o papel que*

HENRIQUE *lhe apresenta)* - Que papel é

este? HENRIQUE - Leia! *(ISABEL*

*atende.)*

MIRANDA - Está tão escuro já!... (*Lendo*) "Se me ama..

espere-me ao escurecer... na...

HENRIQUE - Na cabana do jardim!... Ah!...  
(*Aponta.*)

MIRANDA - Mas que é isto?

HENRIQUE - Uma carta de amor! Não vê?

MIRANDA - Onde a achaste?

HENRIQUE - Neste lugar: ela deixou-a cair quando saiu!

MIRANDA - Ela quem?

HENRIQUE - Não adivinha?... Minha mulher!

MIRANDA - É impossível, Henrique!

HENRIQUE - O seu lenço, veja.

MIRANDA - Conheces esta letra?

HENRIQUE - Perfeitamente! É do

Sales. (ISABEL *corre para a casa.*)

CENA XI

HENRIQUE e MIRANDA

MIRANDA - Do Sales?...

HENRIQUE - É verdade!... Um ente desprezível!

MIRANDA - Esta carta será realmente



para tua mulher, Henrique... Quem sabe!

HENRIQUE - Eu vi-a cair. Ela a tinha no

seio.

MIRANDA - Que fatalidade, meu Deus!

HENRIQUE - Se ouvisses o que me dizia há pouco, não duvidarias. Traía-se sem querer... O nome desse homem lhe vinha constantemente aos lábios! A infame!... Cuspia-me na face a desonra!... Mas enganou-se! (*Deita dois quartos de bala nos canos da espingarda.*)

MIRANDA - Que vais fazer?

HENRIQUE - O miserável não tarda!... Se ele vier... Se o esperar... Tenho dois tiros e a minha honra salva!

MIRANDA - A honra não se discute!... Mas,

Henrique, tens a certeza de que tua mulher seja criminosa?

HENRIQUE - E estas provas?

MIRANDA - Não bastam.

HENRIQUE - E se ela vier?

MIRANDA - Ainda assim! Pode não ser criminosa; pode cometer apenas uma falta, uma falta bem grave não nego! Porém a tua consciência está calma e tranqüila neste momento?... Não te acusa ela de teres deixado entregue às suas próprias forças sem apoio e sem proteção a virtude de uma menina inexperiente?... Responde! Se cumpriste o teu dever, cruzo os braços e calo-me.

HENRIQUE - Não há razão que justifique semelhante falta, meu tio!

MIRANDA - Decerto nada a justifica. Mas qual é a razão que justifica o marido que trai seus deveres?

HENRIQUE - Há uma grande diferença...

MIRANDA - Sei o que pretendes dizer! Não é dessa fidelidade material do homem, que eu falo. O nosso grande dever é o de proteger e fazer a felicidade da mulher que nos sacrificou tudo, que é a mãe de nossos filhos, e a companheira inseparável da nossa existência. Como procedemos nós depois que passam os primeiros gozos de um amor partilhado? Voltamos às ocupações habituais. No nosso orgulho de homens, entendemos que a inteligência da mulher

não pode acompanhar-nos nessa porção mais importante de nossa vida, e só deve ocupar-se dos arranjos domésticos, das modas e dos bailes. Deixamos no isolamento esses entes fracos a quem arrancamos da casa de seus pais, às festas da família, à ternura materna, às afeições dos seus!... Gastos pelos amores fáceis nem um se lembra que a alma, ainda virgem, de sua mulher, tem necessidade de viver!... Esquecemos enfim o tesouro que nos foi confiado, e cujo valor só sentimos nos momentos de sua perda!

HENRIQUE - Nunca deixei de amar Clarinha...  
Tinha toda a confiança nela, e supunha que era feliz...

MIRANDA - Caíste no erro de todos os maridos. Não associaste completamente tua mulher à tua vida, não a interessaste nos teus projetos e sonhos do futuro... Não há nada que a mulher não compreenda pelo coração; nas cousas as mais áridas, elas acham o encanto que dá o amor e a imaginação. Tu gostas da caça, por exemplo. Se Clarinha partilhasse contigo, mesmo de longe, as tuas emoções e os teus prazeres, não se julgaria abandonada quando a deixas por este passatempo. O seu espírito te acompanharia.

HENRIQUE - É noite!... Eu lhe peço... Retire-se!

MIRANDA - Quando estiveres mais calmo.

HENRIQUE - Agora, perdoe-me, não o atendo.

MIRANDA - É agora que me deves ouvir!

HENRIQUE - Deixe-me só!...

MIRANDA - Não!... Não posso deixar-te nesse estado.

HENRIQUE - Pois bem, fique! Mas não me contenha... Há ocasiões em que o homem não se domina.

MIRANDA - Uma última vez, Henrique...

HENRIQUE - É debalde... A minha resolução está tomada! (HENRIQUE *arma a espingarda*. AUGUSTO *medita*.)

MIRANDA (*lento*) - Vou te revelar o segredo de um amigo. Também ele amava sua mulher, também ele cometera o mesmo erro. Recolhendo-se alta noite, entrou na sala no momento em que um homem que ele não pode conhecer se despedia de sua mulher e saltava pela janela.

HENRIQUE - Que fez ele?...

MIRANDA (*idem*) - Chorou a sua felicidade perdida. Agarrou uma arma como agora fizeste... Uma menina... sua filha, balbuciou seu nome, e salvou-os a ambos!... Salvou-os da morte, mas que vida, Henrique! A sociedade, a reputação impôs a estas duas criaturas um suplício horrível! Viveram no mesmo teto, odiando-se ou desprezando-se. (*Anima-se*) Desprezando se? Não!... Porque o marido amava a mulher culpada! E como nunca a amara... Amor odiento, paixão vergonhosa, que o rebaixava aos seus próprios olhos, Que tortura, Henrique!

HENRIQUE - Não sucederia isto, se tivesse seguido o seu primeiro impulso!

MIRANDA - E quando ele visse essa mulher que julgou criminosa dar o exemplo da virtude a mais austera! Quando visse o heroísmo e a dignidade com que essa alma nobre suportou todas as afrontas; não estremecia lembrando-se que podia ter assassinado a inocente? Oh! Quantas vezes depois de a haver insultado vilmente, não estive quase lançando-me a seus pés, e pedindo-lhe perdão!...

HENRIQUE - Que diz? O Senhor?

MIRANDA - Eu?... Disse eu?... Falava-te como esse amigo me falou... Ele duvidava!... Que provas tinha? Sua mulher guardava o silêncio, é verdade! Mas, não havia nisso algum mistério?... Demais também sentia-se culpado! Aquela primeira falta foi irreparável? Quem sabe se ela não é pura ainda e se não houve precipitação em cavar o abismo que nos... que os separa!... E agora... Henrique, julgas que seja impossível? (ISABEL *aparece do lado da cabana.*)

HENRIQUE - Silêncio!... Não ouve? Ali por entre as árvores... O seu vestido!... Não é?

MIRANDA - Espera! Cuidas que apesar de tudo esse homem de quem te falei tinha o direito de matar sua mulher?... Onde vais?

HENRIQUE - Não me siga, meu tio! Se me preza não se coloque entre mim e a minha honra.

MIRANDA - Não consentirei nunca, Henrique!  
(HENRIQUE *foge entre as árvores.* MIRANDA

*corre a ISABEL.)*  
CENA XII

ISABEL e MIRANDA, *(depois CLARINHA)*

ISABEL *(dirige-se à cabana em voz baixa)* -  
Clarinha!... *(Na porta da cabana)* Clarinha!...

MIRANDA *(á meia voz)* - Não se perca!... Seu  
marido, Clarinha.... *(Ouve-se um tiro. ISABEL cai  
nos braços de MIRANDA que a tem arrebatado.)*

ISABEL - Ah!...

MIRANDA - Minha mulher!...

ISABEL - Ouvi a carta... Era preciso salvar..

MIRANDA - A quem?... A seu amante?...

ISABEL - Por que não me deixou morrer!  
*(CLARINHA aparece.)*

CLARINHA - Que foi isto? Ouvi um tiro!



MIRANDA - Nada! Henrique descarregou

a espingarda e... e... ela assustou-se.

ATO QUARTO

Em casa de SIQUEIRA em Petrópolis. Sala interior.

CENA PRIMEIRA

SIQUEIRA, RITA e IAIÁ

*(Iaiá brinca no jardim acompanhada de RITA. SIQUEIRA aparece como quem vai a passeio.)*

RITA - A bênção?

SIQUEIRA - Não me dirás o que há de

novo nesta casa, desde ontem à noite?

RITA - Nada, não, Senhor. (A IAIÁ) Tome

a bênção a vovô.

SIQUEIRA - Ora! Há aqui alguma coisa necessariamente. Clarinha e Henrique fogem um do outro. Bela não aparece; e Augusto, esse não diz palavra.

RITA - Nhanhã D. Clarinha está zangada com Senhor moço Henrique, porque ele ficou muito tempo caçando!

SIQUEIRA - Arrufos de namorados!

Bem, disso já sabia eu. E os outros?

RITA - Meu Senhor?... Esse já veio

maçado ontem da cidade.

SIQUEIRA - E tua Senhora?

RITA - Vosmecê não sabe que Sinhá não anda boa? Esta noite passou muito mal; não dormiu.

SIQUEIRA - E foi ela só? Creio que ainda ninguém dormiu nesta casa. Toda a noite ouvi Augusto passear nesta sala. Clarinha às duas horas ainda estava no piano fazendo um concerto com os cães que ladravam desesperadamente; Henrique, esse deu-lhe a vontade de passear de madrugada com a chuva. Parece que estava morrendo de calor. Já voltaria?

RITA - Ainda não vi ele hoje, não Senhor.

SIQUEIRA - Talvez tenha armado outra caçada.  
É muito capaz, só para fazer pirraça à mulher.

CENA II